

A ordem de eventos na redação do primeiro Dicionário Português-Chinês

The Order of Events in the Writing of the First Portuguese Chinese Dictionary

Gabriel Antunes de Araujo^{1,2} , Chenglin Zhu^{1, b} 

¹ University of Macau, China

² Universidade São Paulo, Brasil

^a ✉ gabriel.antunes@icloud.com

^b ✉ yc27729@connect.um.edu.mo

Recibido: 20/04/2024; Aceptado: 12/5/2025

Resumo

O Dicionário Português-Chinês (cerca de 1579-1584) é um marco na história da lexicografia, tendo sido publicado em 2001 em uma edição facsimilar (Ruggieri & Ricci, 2001). Aqui, discutimos a ordem de redação dos itens do dicionário, considerando as entradas em português, os caracteres chineses e sua romanização, os acréscimos em italiano e as revisões posteriores, bem como a atuação de seu autor líder Michele Ruggieri SJ. Mostramos que nos fólios A a C, um amanuense redigiu previamente as entradas em português, com base no Dicionário de Cardoso (1569). Posteriormente, Ruggieri coordenou a escrita dos equivalentes chineses e anotou suas romanizações das formas orais da escrita chinesa. Concluimos que, na seção A-C, a construção prévia da lista sugere que haveria um correspondente chinês para cada palavra listada no dicionário de Cardoso (1569). Contudo, a recolha de dados e a comparação de itens lexicais do português e do chinês conduzem ao abandono dessa lista que tinha sido preparada previamente. O autor líder opta, então, por uma abordagem mais pragmática e abandona a procura de um equivalente chinês para cada entrada do dicionário. Assim, na seção D a Z, a sua abordagem de redação é alterada: uma entrada em português só é escrita quando os assistentes chineses ofereciam um equivalente. Nesse sentido, Ruggieri toma decisões autorais para melhorar o uso dos recursos disponíveis. Embora o manuscrito se encontre inacabado e não tenha sido publicado editado em sua época, ele revela a evolução de Ruggieri como lexicógrafo.

Palabras-chave: lexicografia; Macau; Michele Ruggieri; dicionários bilíngues; jesuítas; século XVI.

Abstract

The Portuguese Chinese Dictionary (circa 1579-1584), published as a facsimile edition in 2001 (Ruggieri & Ricci, 2001), marks a significant milestone in the history of lexicography. Here, we will explore the order in which items were wrote—considering entries in Portuguese, Chinese characters with their romanization, Italian additions, and further revisions— as well as the role of its leading author, Michele Ruggieri SJ. We will demonstrate that on folios A to C, a clerk prepared the Portuguese entries in advance, drawing on Cardoso's Dictionary (1569). Ruggieri then coordinated the entering of the Chinese equivalents and wrote down his

romanizations of the oral forms of Chinese writing. In sections A-C, the previous approach to the list suggests that there would be a Chinese counterpart for each word listed in Cardoso's Dictionary (1569). However, the collection of data and the comparison of Portuguese and Chinese lexical items led to the abandonment of this previously prepared list. The lead author then opts for a more pragmatic approach and abandons the search for a Chinese equivalent for each dictionary entry. Thus, in sections D to Z, Ruggieri's approach to writing is altered: a Portuguese entry is only written when the Chinese assistants provided an equivalent. In this sense, Ruggieri makes authorial decisions to optimize the use of available resources. Although the manuscript remained unfinished and was never published at the time, it reveals Ruggieri's evolution as a lexicographer.

Keywords: Lexicography; Macao; Michele Ruggieri; bilingual dictionaries; Jesuits; 16th Century.

1. INTRODUÇÃO

O manuscrito do *Dicionário Português-Chinês* (em chinês: 葡漢辭典) compilado entre os anos de 1579 e 1584 é, mesmo que inacabado, a primeira obra lexicográfica bilingue português e chinês. Esse marco na história da lexicografia das línguas portuguesa e chinesa foi encontrado em 1934 pelo sinólogo italiano Pasquale M. D'Elia nos Arquivos da Companhia de Jesus, em Roma (*Archivum Romanum Societatis Iesu*, ARSI). Em 2001, o manuscrito¹ finalmente foi disponibilizado ao grande público em uma edição facsimilar (Ruggieri e Ricci, 2001). Nos últimos 40 anos, o *Dicionário Português-Chinês* (DPC), cujo fólio 33r está reproduzido na Figura 1, tem sido objeto de um amplo conjunto de reflexões historiográficas, filológicas e linguísticas, dentre os quais, Assunção et al. (2019); Assunção e Zhang (2022); Barreto (1997, 2000, 2002a, 2002b); Bian e Yan (2010); D'Elia (1942); Han (2022); Levi (1998, 2001, 2014, 2022); Levi e Xu (2018); Messner (1995); Witek (2001); Xu (2004); Yang (1989, 1995, 2001); Zhang (2013); Zhu e Araujo (2024), entre outros.



Figura 1: Reprodução de um excerto do fólio 33r do DPC, a partir da edição facsimilar publicada em Ruggieri e Ricci (2001).

Estudiosos como D'Elia (1949), Yang (1989, 1995, 2001), Messner (1995) e Zhang (2014, 2016), entre outros, têm contribuído para a descrição do conteúdo do documento manuscrito, no entanto, não há, na literatura, uma discussão completa sobre a ordem da redação das entradas e dos demais itens do DPC. Dessa forma, nosso objetivo é discutir a ordem da redação

¹ Na lombada do códice *Jap-Sin I*, 198, encontramos *Vocabulario Port.Chin*, porém, seguindo a tradição estabelecida por D'Elia, empregaremos o termo *Dicionário*.

das entradas portuguesas, da notação romanizada², dos caracteres chineses e das notações posteriores em italiano e da revisão do DPC. Dessa maneira, realçaremos detalhes do trabalho lexicográfico dos assistentes de cada parte do DPC, auxiliando nosso entendimento sobre a natureza do trabalho, bem como o percurso do amadurecimento de seu autor principal. Para este trabalho, além da edição fac-similar (Ruggieri e Ricci, 2001), recorreremos ao manuscrito original, depositado no Arquivo da Companhia de Jesus, em Roma. Na visita ao ARSI, além de observarmos aspectos importantes do códice *Jap.-Sin. I, 198*, analisamos os tipos de tintas empregadas no manuscrito e eventuais emendas pouco destacadas na edição fac-similar.

O trabalho está organizado da seguinte forma: após essa introdução, apresentamos a contribuição metodológica da Filologia para a análise da obra e de seu contexto de produção, seguida de uma descrição do manuscrito. Posteriormente, oferecemos uma análise sobre a ordem de redação das entradas, das notações romanizadas, das grafias chinesas, das anotações em italiano e das partes revistas no trabalho. Em seguida, apresentamos nossas considerações finais.

2. MÉTODOS, METODOLOGIA E CONTEXTO DE PRODUÇÃO DO DPC

A Filologia investiga os textos escritos do passado para fins de estabelecimento, fixação, interpretação e edição, incluindo a crítica textual, a compilação de comentários, os estudos estilísticos e métricos, levando em conta a originalidade do texto e a restituição do significado na medida do possível (Castro, 1992, 1995; Megale et al., 2015; Thomas, 1990). Contudo, a edição de textos necessita de outras disciplinas auxiliares para a análise física do texto e de seu meio, como a paleografia. A diplomática, por sua vez, permite determinar a autenticidade de um manuscrito examinado comparando-o com outras produções do mesmo autor. Por fim, a codicologia, permite conhecer os materiais utilizados na produção de manuscrito e analisá-lo, tendo em vista as informações paleográficas e diplomáticas. Dessa maneira, aqui valemo-nos da função adjetiva da Filologia, isto é, na possibilidade de deduzir e analisar do texto elementos que nos permitem entender sua ordem de produção e os agentes envolvidos (Marcotulio et al., 2018; Spina, 1977).

O DPC é parte de um conjunto de documentos agrupados no códice *Jap.-Sin. I, 198* e compreende 189 fólios manuscritos em papel chinês, com as dimensões de 23 x 16,5cm³. O

² D'Elia é o primeiro a interpretar as formas romanizadas do DPC como um tipo de notação fonética. Contudo, aqui empregaremos os termos *romanização* e *formas romanizadas*, por não haver evidências de que se trata de um sistema de transcrição da fala.

³ Segundo D'Elia (1938:173), “esso è scritto su carta cinese, in 189 fogli di centimetri 23 × 16,5. Ogni pagina contiene tre colonne, la prima per i termini portoghesi, scritti da un amanuense qualunque, la seconda per la fonetizzazione, tutta di mano del Ricci, e la terza per i caratteri cinesi. Nelle prime tre pagine vi è pure, di mano del Ruggieri, una quarta colonna per le parole italiane. La lingua cinese è la lingua mandarina. Non si tratta quindi di un dizionario fonetico di suoni cinesi disposti secondo l'ordine alfabetico, come aveva supposto ultimamente il Pelliot, ma di un dizionario portoghese-cinese che comincia con *abitar* e finisce con *zunir*” (tradução: “O manuscrito foi escrito em papel chinês, composto por 189 fólios de 23 × 16,5 centímetros. Cada página contém três colunas: a primeira destinada às palavras em português, escritas por um amanuense qualquer; a segunda para notações fonéticas, integralmente redigida por Ricci; e a terceira para os caracteres chineses. Nas três páginas iniciais, há também uma quarta coluna, com palavras em italiano, anotadas por Ruggieri. A língua chinesa empregada é o mandarim. Desta forma, este não constitui um dicionário fonético de sons chineses dispostos em ordem alfabética, conforme recentemente sugerido por Pelliot, mas um *Dicionário Português-Chinês* que começa com *abitar* e termina com *zunir*”).

códice contém um conjunto de documentos reunidos *a posteriori* e sequencialmente numerados. Assim, essa numeração foi adicionada por um arquivista e, portanto, não se trata, necessariamente, de uma organização original, como proposta pelo seu autor no século XVI. Em linhas gerais, o códice pode ser dividido em três partes: a seção do *Dicionário Português-Chinês*, e as partes dos fólhos soltos que o precedem e o sucedem. O corpo principal do DPC abrange os fólhos 32r-156v, embora contenha vários fólhos em branco⁴.

A ideia da compilação de um dicionário bilíngue português-chinês foi estimulada pelo jesuíta italiano Alessandro Valignano (1539-1606), hierárquico superior de Michele Ruggieri (1543-1607). Desde o início de sua chegada a Macau, China, Ruggieri atuou sob a coordenação de Valignano, com o objetivo de aprender a ler, escrever e falar a língua chinesa, sendo “the first step towards the cultural penetration of China” (Dunne, 1962: 18). Em uma carta endereçada ao Padre Claudio Acquaviva, datada de 7 de fevereiro de 1583, Ruggieri menciona que, em Macau, teve grande dificuldade em encontrar naquela época um professor para lhe ensinar a língua mandarim da Corte porque, fora de Macau, não se falava o português, por isso,

(...) fu necessario che con pinture me insegnasse le lettere cine e anco la lingua; come, per exemplo, volendomi insegnar come se chiama il cavallo in questa lingua, e como se scrive, pintava un cavallo e sopra di quello pintava la figura che significa cavallo, e se chiama *ma*, cose certamente ridiculosa, e pareva agli Portoghesi, e anche alli padri, cosa impossibile de poter io imparare di quella maneira.⁵ (Venturi, 1911-1913: 410)

Portanto, o início do aprendizado foi difícil, mas Ruggieri conclui que ‘Ma la virtù e la forza de l’obedientia me dava animo, inclinatione e anche facilità’. E per la gracia del Signore Iddio cominciai a imparare a quel modo di leggere li loro libri (...).⁶ (Venturi, 1911-1913: 410). Contudo, o labor da compilação de um dicionário é de natureza coletiva e o DPC não é uma exceção a essa regra. Assumimos que, embora o DPC tenha sido elaborado por agentes europeus e chineses, o autor líder da empreitada foi Michele Ruggieri, corroborando Zhang (2016) e Zhu e Araujo (2024). Aqui, todavia, consideramos que o agente principal e líder da equipe responsável pelo DPC não era um lexicógrafo profissional e sequer possuía experiência na compilação de dicionários. Por isso, investigar o processo de redação das várias partes do DPC nos permite entender o labor lexicográfico de Ruggieri em um momento no qual a própria atividade de compilação de dicionários bilíngues era recente no Império Português. Como uma atividade prática, a compilação de um dicionário requer uma reflexão sobre sua macro- e microestrutura, além de um entendimento sobre a natureza das palavras nas línguas de partida e alvo. Atualmente, a lexicografia se constitui como uma das subdisciplinas da Linguística Aplicada. No entanto, no século XVI, já havia uma reflexão sobre o trabalho lexicográfico,

⁴ Os fólhos em branco são 49r, 49v, 54v, 67r-71v, 85v, 86r, 86v, 114v, 135r, 141v, 152v, 156v.

⁵ Tradução nossa: “(...) foi necessário que eu aprendesse a escrita e a língua chinesa falada por meio de desenhos; como, por exemplo, querendo aprender como se diz e como se escreve ‘cavalo’ nessa língua, desenhava um cavalo e acima dele desenhavam para mim a caligrafia chinesa que equivale a cavalo, em chinês *ma*, certamente um processo de aprendizagem ridículo. Tanto aos portugueses, como aos meus colegas padres, era impossível que eu aprendesse a língua assim.”

⁶ Tradução nossa: “Mas a virtude e a força da obediência me deram coragem, inclinação e até facilidade. E pela graça do Nosso Senhor Deus comecei a aprender assim a ler seus livros (...)”.

embora não houvesse ainda métodos para se desenvolver dicionários formalizados. Viaro (2019), por exemplo, menciona, entre outros aspectos, a questão trivial do uso não estrito da ordem alfabética no dicionário de Cardoso (1562-1563)⁷. Para Viaro (2019), a ordem não muito alfabética de Cardoso⁸ deriva de um conjunto de concepções linguísticas na prática lexicográfica⁹ da época:

Diremos que, em Jerônimo Cardoso, a ordem alfabética apenas tem a função auxiliar de retomada da ordem, mas não configura a ordenação em si dos verbetes. Desse modo, há necessidade de distinguir ordem (que só pode ser alfabética) de ordenação (que revela outros critérios além do alfabético). (Viaro, 2019: 11)

Se o léxico reflete a realidade dos falantes, as obras lexicográficas são um instrumento útil para registrar as dimensões diferentes da língua de uma determinada época (Biderman, 2001). Os dicionários (e os vocabulários) bilíngues, por sua vez, contêm a equivalência de unidades lexicais entre duas línguas, sendo também material valioso para linguistas, filólogos, historiadores e interessados em geral. Ademais, caracteriza-se como um espelho que reflete os conhecimentos, costumes e as práticas existentes na época, marcando o contato entre línguas e culturas de regiões geograficamente distintas no mundo. Mesmo que seja um trabalho inacabado (não chegou a ser publicado), trata-se de um documento valioso para a tentativa de interpretar as técnicas utilizadas e mesmo as dificuldades encontradas no seu processo de compilação, bem como relevar aspectos das culturas e das línguas envolvidas. Assim, um momento auspicioso do encontro entre o Oriente e o Ocidente, do zelo e da dedicação dos missionários ocidentais, a insistência de Valignano no aprendizado do idioma e da cultura chinesa pelos missionários estacionados em Macau, além da estratégia ativa de adaptação cultural por parte dos ocidentais, se constituem em uma nota essencial para a história das relações entre a China e o Ocidente na quartil final do século XVI. O *Dicionário Português-Chinês* foi elaborado nesse contexto.

Basicamente, o processo de compilação do DPC pode ser dividido em duas partes. Inicialmente, foi utilizada pelo autor (líder) uma lista pré-preparada por um amanuense com as entradas de A-C, copiadas diretamente do dicionário de Cardoso (1569)¹⁰. Podemos afirmar que, pelo menos nos fólios de A-C, o autor pressupôs que a tarefa seria executada de uma determinada maneira. Sem embargo, a própria coleta e o confronto entre os itens lexicais de duas línguas de tipologia muito diversas, o fez abandonar essa lista de palavras pré-preparada e, utilizar uma técnica que considerasse as correspondências lexicais que conseguia do(s) assistente(s) chineses, mas que fosse flexível o suficiente para abandonar entradas da lista original de Cardoso (1569). Dessa forma, pode-se dizer que a parte das entradas de D a Z do DPC pode ser considerada autoral, isto é, se configura em algo diverso do que uma mera cópia da lista de (Cardoso), revelando assim, um entendimento do autor sobre a sua própria prática

⁷ Viaro utiliza em seu artigo a edição do dicionário de Cardoso publicada em (1562-1563).

⁸ A obra lexicográfica do Cardoso inclui pelo menos quatro dicionários bilíngues latim-português, português-latim.

⁹ Aqui, Viaro se refere à prática no processo de gramatização das demais línguas da Europa, posto que o trabalho publicado em 1562-1563 se configura como o primeiro dicionário impresso da língua portuguesa, embora seja um dicionário bilíngue português/latim.

¹⁰ Assumimos, seguindo, Messner (1995) que a edição de Cardoso (1569) foi a base para o DPC.

lexicográfica. Neste sentido, então, é necessário assumir que o principal autor do DPC liderou o trabalho de compilação do dicionário, sem nenhuma experiência prévia (pelo menos não se conhece trabalho lexicográfico prévio de Ruggieri, nem menção própria de seu interesse no assunto antes de sua partida à Macau), mas acabou por tomar decisões que revelam o melhor aproveitamento dos recursos humanos disponíveis e que, em seu percurso, foi transformado em um lexicógrafo dileitante. Além de liderar os assistentes, Ruggieri teria sido responsável pelas entradas da seção D-Z na primeira coluna, pelas notações romanizadas na segunda coluna e pela coluna em italiano, bem como contribuído com sua própria escrita em caracteres chineses adicionados em vários pontos no DPC. No entanto, Ruggieri estava em processo de aprendizado e, portanto, sua caligrafia chinesa é imatura.

A escrita dos ideogramas chineses requer uma prática sistemática. Assim, as características da caligrafia, por sua vez, constituem um reflexo direto das manifestações desse hábito de escrita. Li (2008) defende que o processo de formação do hábito na prática da escrita de caracteres chineses pode ser dividido em quatro fases: *início*, *evolução*, *estabelecimento* e *pós-estabelecimento*. Aqui, denominamos *caligrafia imatura* a prática da escrita de caracteres por indivíduos nas fases *início* e *evolução*. A fase inicial inclui, comumente, os praticantes crianças em idade pré-escolar e adultos, tanto nativos quanto não nativos, que estão no processo de ‘alfabetização’ inicial ou na aprendizagem da língua chinesa escrita. Neste momento, o estabelecimento da relação entre a forma e o significado dos caracteres chineses estão apenas no estágio inicial. Os caracteres chineses são formados por elementos denominados traços, que possuem formas específicas. Esses traços componentes devem ser desenhados (escritos) em uma determinada ordem e com alguns tipos de traçado específicos. A prática da ordem adequada para se desenhar os tipos de traços é crucial para que o aprendiz se torne habilidoso. Na Figura 2, o caractere chinês 開 (kāi), por exemplo, contém 12 traços, de diferentes tamanhos e formas.



Figura 2: Ordem dos traços de 開 (kāi). Fonte: <https://www.strokeorder.com/chinese/%E9%96%8B>

Para um escritor com pouca experiência, é comum desenhar caracteres incorretos ou utilizar erroneamente caracteres com formas semelhantes. Por isso, frequentemente pode haver confusão entre a forma e o significado dos caracteres chineses nas fases iniciais de aprendizagem. Na Figura 3, o caractere chinês 開 (kāi) foi escrito no DPC por uma mão imatura, possivelmente, de Ruggieri. Pode-se observar que há, no interior do radical 門 (mén), o caractere 井 (jǐng), porém o caractere correto é 开 (kāi). Na fase inicial, o movimento da mão é frequentemente influenciado pela imitação ou memorização, o que pode resultar em uma escrita pouco controlada. A postura incorreta ao se segurar o pincel (ou caneta) pode levar a uma estrutura caligráfica desproporcional e a tinta tende a ser mais uniforme, sem variações de espessura e fluidez nas pinceladas, o que torna o traço mais monótono. Assim, os traços na Figura 3 são uniformemente retos e não há diferenciação entre as diversas formas dos traços. Na Figura 4, por sua vez, o mesmo caractere foi escrito por uma mão estabelecida (experiente) e contém os caracteres corretos, assim como apresenta fluidez na forma e o uso dos traços adequados.



Figura 3: Caractere chinês escrito por uma mão imatura, fólho 32v, linha [19], Jap. – Sin., I, 198.



Figura 4: Caractere chinês escrito por uma mão madura, fólho 32v, linha [19], Jap. – Sin., I, 198.

Na Figura 5, observa-se a escrita do caractere chinês 薨 (hōng) desenhado de forma incorreta. A representação deste caractere de 16 traços foi produzida por uma mão imatura e apresenta a omissão de dois traços (a posição do aparente traço horizontal ausente, formado por dois traços, foi destacada). A Figura 6, por sua vez, apresenta sua forma correta.



Figura 5: Caractere chinês escrito por uma mão imatura, fólho 120v, linha [21], Jap. – Sin., I, 198.



Figura 6: Caractere chinês escrito por uma mão madura, fólho 32v, linha [19], Jap. – Sin., I, 198.

A composição do caractere 薨 (hōng) é complexa. Os traços 9 e 10, destacados com um grifo, na Figura 7, estão ausentes na escrita imatura exposta na Figura 5.



Figura 7: Ordem dos traços de 薨 (hōng). Fonte: <https://www.strokeorder.com/chinese/%E8%96%A8>

Na fase de evolução, as habilidades de escrita aumentam um pouco, com uma tendência a formas mais consistentes em tamanho e um aumento na ligação de traços. As características da caligrafia, porém, são mais variáveis nesse estágio, com mudanças frequentes entre as práticas antigas e as novas. No DPC, observa-se uma evolução da mão imatura, especialmente na segunda metade do manuscrito. Como exemplificado na Figura 8, tanto o caractere chinês 輕 (huài) como 淡 (dàn) exibem características de ligação de traços, contudo tanto o radical 工 como o radical 冫 foram simplificados para dois traços. Outrossim, esses dois caracteres chineses continuam a apresentar características típicas de um iniciante: uma aplicação de tinta relativamente monótona, com rigidez no movimento para o próximo traço e uma estrutura geral ainda não completamente harmoniosa. Encontramos, no DPC, a escrita madura dos

mesmos caracteres chineses 輕 (Figura 9) e 淡 (Figura 10), exibidos aqui isoladamente a título de comparação, para exemplificarmos a escrita madura (Figura 9 e Figura 10) e imatura (Figura 8). O primeiro caractere 輕, na Figura 9, apresenta uma estrutura uniforme, com as linhas horizontais e verticais dispostas de maneira adequada. O caractere 淡, na Figura 10, por sua vez, exhibe, igualmente, pinceladas rítmicas, cuja aparência geral é organizada, com traços fluídos e naturais.



Figura 8: Caracteres chineses escritos por uma mão imatura, fólho 146r, linha [21], Jap. -Sin., I, 198.



Figura 9: Caractere chinês escrito por uma mão madura, fólho 77v, linha [6], Jap. -Sin., I, 198.



Figura 10: Caractere chinês escrito por uma mão madura, fólho 78v, linha [14], Jap. -Sin., I, 198.

Dessa forma, o conceito de maturidade na escrita é fundamental na caligrafia chinesa. Destarte, aqui, é crucial para distinguir as mãos do autor líder do DPC e de seus assistentes.

3. A ORDEM DE COMPILAÇÃO DO DPC

Na literatura, poucos trabalhos abordam explicitamente a ordem de redação do DPC. Yao (2015), por exemplo, concentra-se principalmente na escrita dos caracteres chineses e destaca a ordem de compilação do DPC, propondo que um processo tríplice, envolvendo um ocidental selecionando termos em português com base em um dicionário, um coordenador chinês elaborando correspondências em chinês e um ocidental adicionando a notação romanizada a partir da pronúncia em chinês. Entretanto, essa hipótese simplifica demais o processo de compilação e contrasta com sua complexidade real. Foi estabelecido, consensualmente, que os termos em italiano na quarta coluna foram adicionados posteriormente por uma mão europeia. Além disso, Messner (1995) afirmou que, na parte das entradas em português, dois copistas teriam elaborado a lista das palavras portuguesas seguindo um método ditado. Outrossim, concordamos com a hipótese de Messner (1995), que sugere que os verbetes geralmente seguem a ordem do dicionário de Cardoso (1569), embora as grafias nem sempre correspondam estritamente à ortografia do dicionário de base, o que sugere fortemente uma lista ditada e não copiada item por item. Witek (2001) e Zamponi (2012), entre outros, observaram que emendas significativas, especialmente em caracteres chineses, enriqueceram as traduções e tiveram origem europeia. Ademais, nem sempre o DPC obedece a uma ordem alfabética. Esse aspecto aparentemente caótico da ordenação apresentada no DPC foi influenciado, em grande medida, pelo dicionário de Cardoso (1569)¹¹.

¹¹ Viaro (2019) afirma que a ordem alfabética não é seguida de forma estrita no dicionário de Cardoso, devido à consideração de fatores fonéticos, morfológicos e semânticos, e não à falta de conhecimento do autor. Em outras palavras, Cardoso optou por não seguir uma ordem alfabética estrita e o autor do DPC não se incomodou com isso.

Zamponi (2012), contudo, sugere uma alternância entre a pessoa que ditava e a pessoa que anotava a parte ditada. Ademais, quanto à hipótese de Zamponi (2012) acerca da alternância de papéis da pessoa que ditava, Assunção et al. (2019) e Assunção e Zhang (2022) destacaram a ocorrência de uma possível alternância de mãos na produção de determinadas entradas iniciadas com a letra C, porém esses autores abstiveram-se de fornecer exemplos concretos. Adicionalmente, comentaram, em uma nota, que essa alternância de mãos se manifestou no começo das partes correspondentes às letras L e M. Ao revisar as entradas iniciadas com as letras C, L e M, porém, a evidência interpretada pelos autores como indicativa de outra mão é, na realidade, uma variação no uso de tinta. De forma geral, constata-se uma homogeneidade tanto na seção A-C quanto na seção D-Z, no que diz respeito à mão do redator que elaborou as entradas em português. Portanto, a regularidade das seções A-C e D-Z rechaça a hipótese de Zamponi.

Em resumo, os itens em português foram retirados principalmente da lista de entradas do dicionário de Cardoso (1569), seguindo uma abordagem na seção A-C e outra na seção D-Z. Portanto, na parte em português, isto é, na primeira coluna do DPC, há duas mãos, sendo a primeira de um amanuense (como pode ser observada na caligrafia profissional e coesa) e a segunda mão do autor líder do DPC (uma caligrafia pessoal e sem esmero técnico), escrita, na maior parte das vezes, no momento da interpretação romanizada da pronúncia dos dados chineses.

Para uma análise da caligrafia do autor líder, Michele Ruggieri, optamos por apresentar um conjunto documental de três peças, tendo em vista sua datação associada à época da sua produção¹². Conjunto este aqui formado por um fólio do DPC, um manuscrito de 1578 e uma carta de 1584, sendo estes dois últimos de autoria confirmada de Ruggieri¹³. Escolhemos as grafias do mesmo período, posto que a escrita de uma pessoa tende a manter uma certa consistência em um intervalo pequeno de tempo. Na Figura 11, apresentamos uma reprodução do fólio 129v do manuscrito do DPC (adiante manuscrito 1, M1), sendo de interesse a produção textual da primeira e da segunda colunas, escritas pelas mesmas mãos. Na Figura 12 e na Figura 13, por sua vez, dois textos escritos (M2 e M3) por Ruggieri, sendo o último assinado pelo autor.

¹² Posto que o objetivo não é analisar propriamente a autoria do DPC, recomendamos a leitura de Zhu e Araujo (2024).

¹³ Além do material aqui utilizado, a escrita de Ruggieri pode ser encontrada nas seguintes fontes: manuscrito FG[3314]1185 na Biblioteca Nazionale di Roma (Luo, 2016) e manuscritos *Jap.-Sin.*, 101 I (fólios 8-11, 116r-v), *Jap. -Sin.*, I, 198 (fólios 1r-31v, 170r-189v), *Jap. -Sin.*, II, 159 (11 fólios), *Jap.- Sin.*, 9 II 257r-58v, *Jap.- Sin.*, 9 II 263r-64v, *Jap.- Sin.*, 9 II 307r-308v no ARSI (Canaris, 2019; Chan, 1993; Hsia, 2012; Wan, 2021).



Figura 11: Fólío 129v, Jap. -Sin., I, 198 (M1).

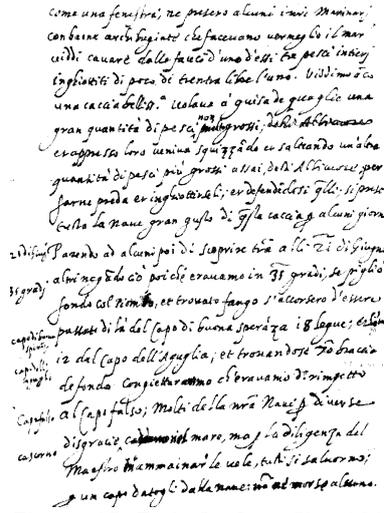


Figura 12: Fólío 9v, Jap.-Sin., 101 I (M2).

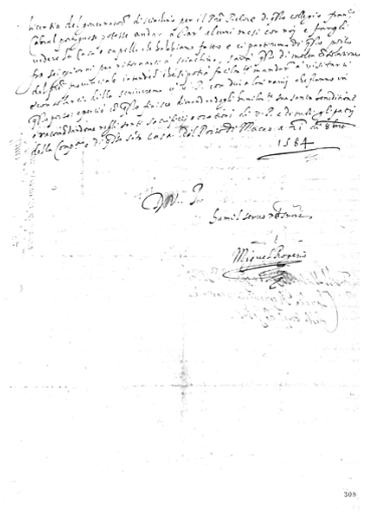


Figura 13: Fólío 308r, Jap.- Sin., 9 II (M3).

Em primeiro lugar, observou-se que os traços caligráficos, incluindo o estilo das letras, a inclinação e a forma da assinatura, são consistentes entre as três amostras. A assinatura na Figura 13, especificamente, apresenta características típicas de Ruggieri, como a mesma fluidez no desenho do “M” inicial, seja na palavra ‘migalha’ (Figura 14), seja em sua assinatura (Figura 15).



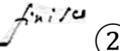
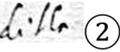
Figura 14: Fólío 119r, linha 26, do DPC, item lexical ‘Migalha’.



Figura 15: Fólío 308r, linha 13, Jap.-Sin., 9, II, assinatura de “Miguel Rogerio”.

O manuscrito do DPC também apresenta um padrão coerente, caracterizado pela mesma grafia e estilo de escrita nas partes em português nas seções D-Z, o que reforça a interconexão entre o *Dicionário* e os dois documentos ruggierianos aqui apresentados. Exemplos claros dessa semelhança podem ser observados nas letras <f>, <d>, <p> e <g>. Elementos mais sutis, como a pressão da pena e o uso de certos traços ornamentais ou detalhes gráficos, são idênticos nestas amostras. Assim, no Quadro 1, a grafia de <f> identificada com o número 2, revela uma característica na qual a parte inferior da primeira linha do traço, uma serifa à esquerda do <f>, possui um movimento mais alongado e pesado, no M1, resultando em um maior acúmulo de tinta na serifa inferior, como também pode ser observado nos itens de número 2 do M2 e do M3. Da mesma forma, a consoante <d> exibe uma maior concentração de tinta na parte superior do traço inicial, na serifa à esquerda em <d>, nos exemplos identificados com o número 1. Quando concatenado às vogais subsequentes, o <d> perde a serifa à esquerda e ganha uma

pequena serifa à direita. Para <p>, apresentamos três ocorrências da letra maiúscula, com serifa decorativas semelhantes. Por fim, <g> é representado três vezes com uma diminuição do peso na parte final do gancho inferior em direção ao centro da letra. As correspondências entre esses excertos indicam que, embora possam existir variações sutis devido ao contexto de escrita, as grafias são do mesmo autor, Michele Ruggieri.

Letra	Exemplo no M1	Exemplo no M2	Exemplo no M3
<f>	 	 	 
<d>	 	 	 
<p>			
<g> ¹⁴			

Quadro 1: Exemplos com similaridades identificadas dos traços de Michele Ruggieri.

Em fevereiro de 2024, realizamos uma visita ao ARSI em Roma. Na ocasião, obtivemos cópias digitalizadas de diversos documentos, incluindo o DPC e identificamos as tintas distintas utilizadas no manuscrito do *Dicionário*. Além disso, obtivemos uma cópia de um documento autógrafo de Matteo Ricci (cf. *Códice Jap.- Sin.*, 9 II), amplamente reconhecido como o autor principal do DPC. Na Figura 16, é possível observar a grafia de Ricci. Defendemos que esta grafia de Ricci não se alinha com a existente no DPC, em nenhum momento, ou seja, inexistente qualquer semelhança entre a grafia de Ricci e todas as grafias não chinesas do DPC. Portanto, Ricci não pode ser considerado autor ou coautor: Ruggieri deve ser considerado o autor líder do DPC.

¹⁴ Tanto no DPC quanto nos documentos M2 e M3, identificou-se uma correção da letra “p” para “g”. No M2, na



linha [20], essa alteração foi observada: . No manuscrito do DPC, por exemplo, há:

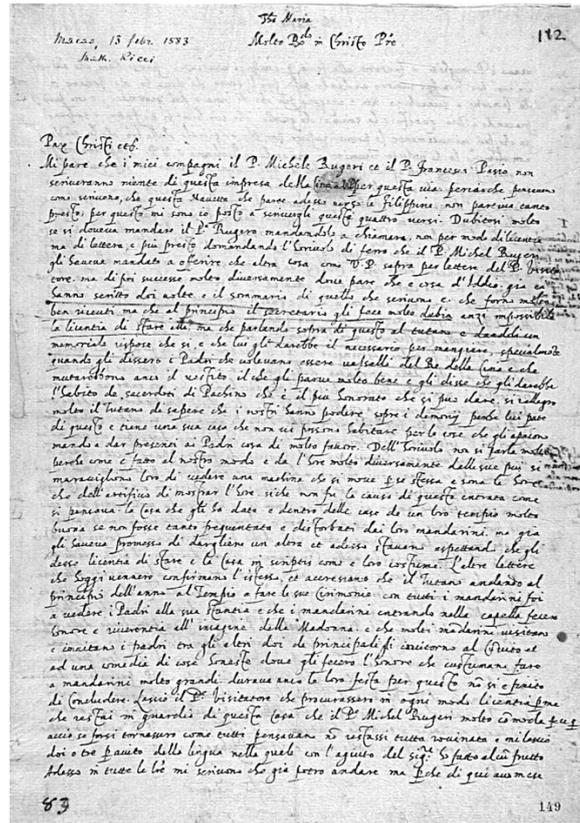


Figura 16: Fólío 149r, Jap.- Sin., 9 II, documento autógráfo de Matteo Ricci.

Além das evidências apresentadas, o DPC era propriedade de Ruggieri e foi encontrado no seu espólio. Ademais, nenhum jesuíta assumiu a autoria do trabalho, nem mencionou em outro documento que trabalhava em um dicionário. Por fim, itens lexicais (palavras e expressões) encontrados no DPC foram empregados por Ruggieri em suas traduções, como demonstrado por Wang (2019).

No que diz respeito ao processo de redação propriamente dito, a lista de entradas de A-C foi copiada sem os equivalentes, mantendo as demais ‘colunas’ em branco, isto é, a seção A-C foi elaborada previamente. Ao simplesmente elencar as entradas em português a partir de Cardoso (1569), o amanuense redigiu as entradas em linhas muito próximas, dificultando o trabalho de inserção dos demais itens nas outras ‘colunas’ que, por sua vez, seriam adicionados em um momento posterior. Contudo, a abordagem empregada na parte A-C produzia uma quantidade enorme de itens sem equivalentes em chinês (possivelmente pela incapacidade do compilador europeu se fazer entender pelo tradutor ou pela inabilidade do(s) colaborador(es) chinês(es)¹⁵ em oferecer um equivalente), sem desmerecer os colaboradores chineses que não tinham a obrigação de conhecer todas as palavras do dicionário de Cardoso (1569), apresentadas em situações abstratas e seguindo um padrão de lista, com pouco ou nenhum contexto de uso.

Ao examinarmos o DPC, fica evidente que as entradas em português que começam com as letras A-C diferem substancialmente daquelas iniciadas com D-Z. Consideramos, portanto, que as entradas em português na seção D-Z e todas as notações romanizadas foram escritas por

¹⁵ Aqui não estamos assumindo que havia apenas um tradutor presente no momento da produção do dicionário.

Ruggieri, diferentemente das entradas em português na seção A-C, escritas possivelmente por um amanuense.

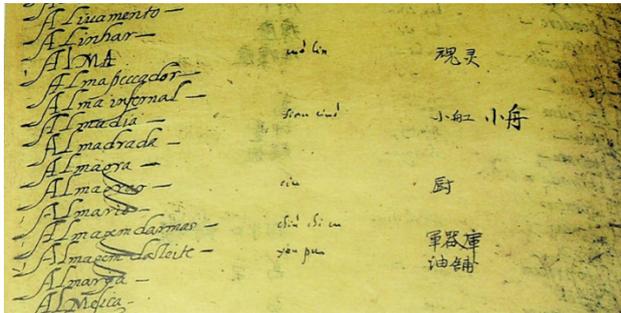


Figura 17: Excerto do fólio 40r, Jap. -Sin., I, 198, seção A-C do DPC.

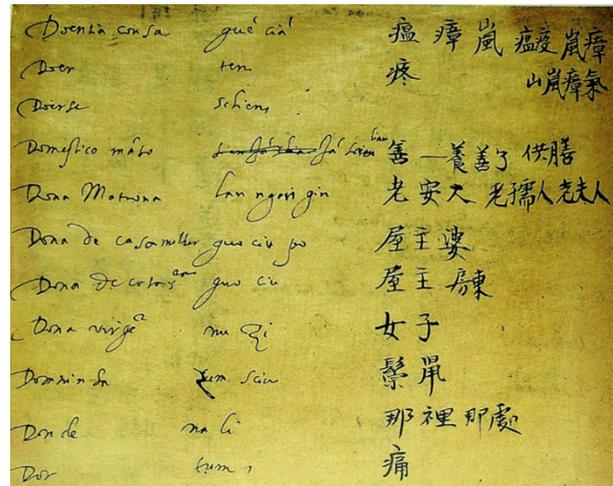


Figura 18: Excerto do fólio 84r, Jap. -Sin., I, 198, seção D-Z do DPC.

Na Figura 17 **Error! Reference source not found.**, pode-se observar que as entradas em português na seção A-C empregam uma tipografia humanista, caracterizada por sua legibilidade e clareza: utilizam traços fluidos e finos, frequentemente apresentando características de escrita cursiva e uma leve inclinação à direita. Este estilo foi amplamente adotado por estudiosos e monges nos séculos XV e XVI na elaboração de cópias de manuscritos. Podemos até notar uma heterogeneidade da caligrafia no mesmo fólio: as entradas em português na primeira coluna empregam uma fonte humanística mais legível, enquanto as notações romanizadas na segunda coluna são mais rápidas e informais, indicando que as duas primeiras colunas na seção A-C foram realizadas por indivíduos diferentes. No que diz respeito à seção D-Z, como exemplificado na Figura 18, o estilo de escrita é cursivo com formas bem arredondadas, em geral anotada de forma rápida, com uma ausência de apuro técnico, que muitas vezes pode tornar a leitura desafiadora. Adicionalmente, identificamos a consistência entre este estilo nas entradas em português começadas na seção D-Z e nas transcrições romanizadas.

Para documentar apenas as entradas com equivalentes em chinês e eliminar tantas entradas sem equivalentes, como se observa na seção A-C, o método de compilação foi radicalmente alterado na seção D-Z. Inicialmente, pode-se observar que, na redação das entradas de D a Z, a primeira coluna (em português) possui um espaçamento maior entre as linhas, de tal modo a permitir a escrita de itens na segunda coluna antes de se passar para a anotação da próxima entrada. A mudança da técnica se deve ao fato de que a entrada seguinte (em português) somente foi anotada quando o autor era capaz de propor uma transliteração para o que ouvia em chinês, após os colaboradores chineses oferecerem um ou mais equivalentes em chinês. Dessa forma, na seção D-Z, o item lexical (a entrada) era inicialmente ditado (por um colaborador falante de português), em seguida, o redator consultava um ou mais falantes nativos de chinês para obter o equivalente (em chinês) e sua pronúncia, registrando a entrada portuguesa e o resultado romanizado de forma imediata. Em muitos casos, quando se deparava com entradas que os colaboradores chineses não conseguiam compreender ou traduzir ou o

compilador não se fazia entender, o autor sequer anotava essas entradas incompletas, abandonando-as. Isso resultou em equivalentes chineses para a maioria das entradas portuguesas anotadas na seção D-Z, enquanto na seção A-C, muitas palavras em português permaneceram sem equivalentes chineses. Após uma breve análise estatística, de maneira geral, quase 1/6 das palavras portuguesas no DPC não foram traduzidas, sendo aproximadamente 33% na primeira seção (A-C) e 5% na segunda seção (D-Z). Essa diferença é compreensível, pois um dicionário contém também formas cultas e vernaculares que podem estar fora do conhecimento de mundo do colaborador chinês, do próprio autor (Ruggieri, um falante nativo de italiano), supondo igualmente que os próprios colaboradores chineses e o autor não eram completamente proficientes na língua portuguesa.

De acordo com Assunção et al (2019), pelo menos três mãos atuaram na produção do DPC nas colunas em português, na parte da notação romanizada e do italiano: uma mão da seção A-C na primeira coluna, uma mão nas primeiras duas colunas da seção D-Z, e uma escrita das colunas centrais da seção A-C, que possivelmente se relaciona à coluna das romanizações. Os autores também afirmaram que na terceira coluna da escrita chinesa, há pelo menos uma outra mão, porém, não conduziram uma análise mais aprofundada da parte chinesa. Nossa hipótese sobre as mãos na produção do DPC é diferente da defendida por Assunção et al (2019): há pelo menos duas mãos na parte da escrita ocidental: uma mão da seção A-C na primeira coluna (PT1), uma mão na coluna central e na coluna italiana da seção A-C e nas primeiras duas colunas da seção D-Z (PT2).

No que diz respeito à parte chinesa, a nossa análise sugere a presença de pelos menos quatro mãos, responsáveis pelas seguintes contribuições:

- (1) a. Equivalentes chineses na seção A-C e em partes da seção D-Z;
- b. Equivalentes chineses na seção D-Z e em partes da seção A-C;
- c. Emendas chinesas na seção A-Z, com caligrafia imatura, incluindo algumas palavras ou letras em português em momentos diferentes e emendas de poucos caracteres chineses, com tinta marcadamente diferente, com caligrafia chinesa mais habilidosa, porém, ainda imatura;
- d. Emendas chinesas na seção D-Z.

O Quadro 2 contém o mesmo caractere chinês 開 (kāi)¹⁶, escrito por diversas mãos. Esse caractere aparece várias vezes em diferentes seções no DPC e nos permite ilustrar as distintas formas encontradas no texto. Na coluna 'escrita', listamos cinco prováveis mãos. Posto que não há nenhuma menção na documentação disponível sobre os colaboradores e seus papéis, é difícil conjecturar sua real contribuição. CH4 e CH5 possivelmente derivaram do mesmo redator, porém em momentos distintos. Supomos que esse redator seja Ruggieri e a diferença da qualidade da grafia revela uma maior familiaridade com a escrita dos caracteres chineses. Assim, CH4 é uma mão muito imatura que redige a caligrafia chinesa, ao passo que em CH5 há uma evolução qualitativa grande.

¹⁶ Significa "abrir" em português.

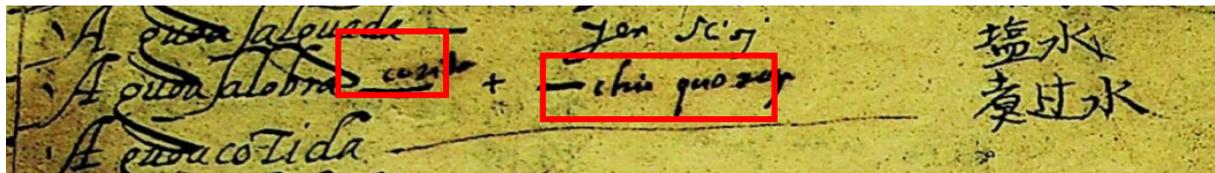


Figura 22: Emendas com tintas marcadamente distintas em um excerto das primeira e segunda colunas do fólio 32r.

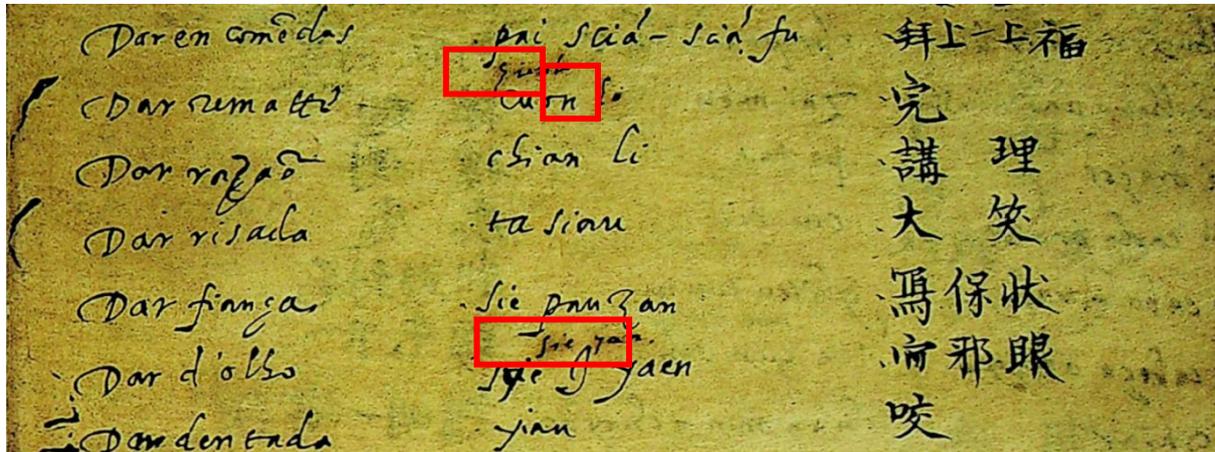


Figura 23: Emendas com tintas marcadamente distintas em um excerto da segunda coluna do fólio 73r.

Na Figura 24, as emendas chinesas mostram uma tinta marcadamente diferente na terceira coluna, com caligrafia imatura, sendo possivelmente um exemplo da escrita CH5.

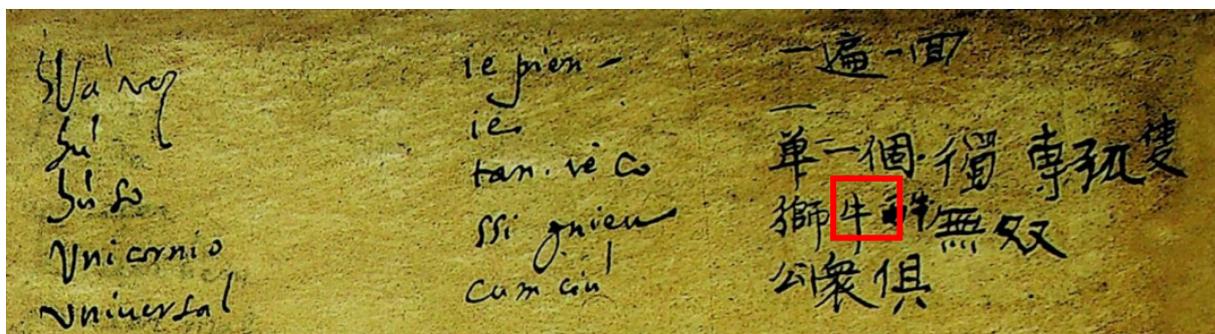


Figura 24: Emendas com tintas marcadamente distintas na terceira coluna (cf. excerto do fólio 156r).

A Figura 25, por sua vez, revela que 生物, 天主生萬物 foram adicionadas posteriormente por uma outra mão (CH5). Os caracteres 天主生萬物 foram inicialmente escritos na entrada "Crestal comeas" (primeira linha da Figura 25), mas posteriormente riscados e reanotados na última linha. A parte de sua romanização quase se sobrepõe aos caracteres chineses. É necessário, em um momento futuro, proceder a uma investigação completa sobre essas emendas.

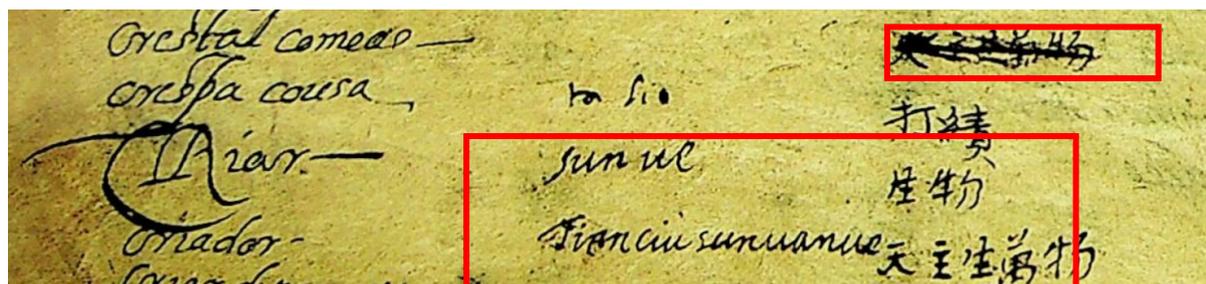


Figura 25: Grafia de 生物 e 天主教生萬物 e suas romanizações (cf. excerto do fôlio 63v).

Posto, isto, Zhu e Araujo (2024) identificaram dois tipos de escritas principais em língua portuguesa (PT), uma em italiano (IT) e cinco tipos em língua chinesa (CH). Considerando a possível sobreposição entre os redatores das seções em chinês e português, é razoável afirmar que (pelo menos) cinco indivíduos estiveram envolvidos no trabalho de redação de todo o DPC.

Indivíduo	Língua	Observações
Agente 1	PT1	Amanuense, redator da seção A-C
Agente 2	PT2, IT1, CH4, CH5	Autor principal, redator da seção D-Z, das notações romanizadas da pronúncia chinesa, da parte em italiano e da caligrafia chinesa imatura (em dois momentos distintos). O principal agente redator foi Michele Ruggieri
Agente 3	CH1	Caligrafia chinesa
Agente 4	CH2	Caligrafia chinesa
Agente 5	CH3	Caligrafia chinesa

Quadro 3: Agentes envolvidos na redação do DPC.

Há duas mãos na caligrafia em língua portuguesa, sendo que um amanuense português (PT1) preparou as entradas de A-C, ao passo que um agente europeu (PT2) ficou responsável pelo resto da escrita em português (e em italiano, IT1). Adicionalmente, a produção de um dicionário bilíngue como o DPC requer o conhecimento das línguas de partida e da língua-alvo, ou a participação de um (ou mais de um) conhecedor de ambas as línguas. Assim, o fato de haver três mãos chinesas (CH1, CH2 e CH3) versadas em caligrafia no DPC comprova que, de fato, houve a colaboração de (pelo menos) três agentes chineses com conhecimentos de português. Há uma quarta mão que escreve na caligrafia chinesa no DPC, porém, essa mão é de um agente europeu, com uma caligrafia imatura no início do processo (CH4), mas com avanços substanciais na técnica caligráfica da língua chinesa no processo de revisão (CH5).

Desta forma, podemos analisar separadamente as entradas das diferentes seções em relação à ordem de compilação do DPC. Na seção A-C, uma característica notável é o desalinhamento regular entre as entradas portuguesas (primeira coluna), os equivalentes chineses (terceira coluna) e suas romanizações (segunda coluna). Isso confirma que a lista portuguesa foi preparada de antemão e a tarefa do autor (Ruggieri) era ‘preencher’ as demais colunas com a ajuda de colaboradores chineses. Pode-se observar que o amanuense que preparou a lista em português da seção A-C (Figura 26) deixou pouco espaço entre as linhas das entradas, fazendo

com que as demais colunas nem sempre apresentassem um alinhamento perfeito, em relação aos dados da primeira coluna. Todavia, a romanização e os caracteres chineses encontram-se alinhados, o que sugere que o alinhamento entre as linhas era relevante e que esse alinhamento se deu em um momento posterior ao da redação das entradas em português.

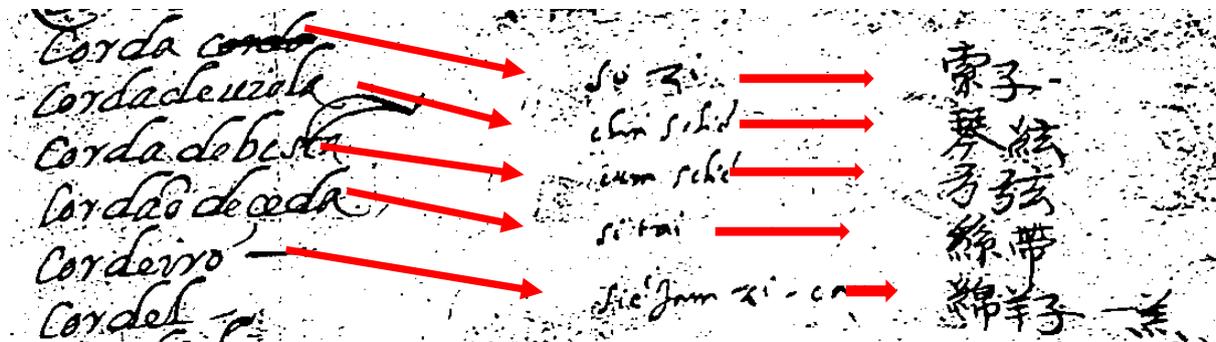


Figura 26: Exemplo de desalinhamento entre as entradas e as demais colunas no DPC (cf. excerto do fôlio 62r) na seção A-C. Fonte: modificado de Ruggieri e Ricci (2001).

A partir dos dados observáveis na Figura 26, o alinhamento adequado deveria ser aquele que mostrasse a relação entre os itens em português, a romanização e os caracteres chineses (Quadro 4)¹⁸.

[1]	Corda eorda	so zi	索子
[2]	Cordadeuiola	chin schiē	琴弦
	Corda de		
[3]	besta	cum schiē	弓弦
	Cordão de		
[4]	çada	si tai	絲帶
		sie' jam zi -	
[5]	Cordeiro	cau	綿羊子-羔
[6]	Cordel		

Quadro 4: Leitura de um excerto do fôlio 62r com as três colunas apropriadamente alinhadas a partir das correspondências das entradas portuguesas.

Na Figura 26, a sequência de palavras foi adaptada do dicionário de Cardoso (1569: 25v), no qual o ordenamento original é 'corda / corda de linho canemo [cânhamo] / corda de esparto / corda de viola / corda de besta / cordão de seda / cordeiro / cordeirinha / cordel'. Portanto, as entradas em português 'corda de linho canemo [cânhamo]', 'corda de esparto' e 'cordeirinha' não foram copiadas da lista de Cardoso (1569: 25v). Adicionalmente, no DPC, não há o equivalente em chinês para a entrada 'cordel', isto é uma forma diminutiva para corda, embora a entrada tenha sido redigida no DPC (ver linha [6] do Quadro 4). As pequenas diferenças entre a grafia de Cardoso e a do amanuense mostram variações típicas da grafia portuguesa no século XVI e podem corroborar igualmente o fato de que a lista tenha sido ditada ao amanuense, ao

¹⁸ Neste quadro, a numeração de linhas se deu a partir das entradas portuguesas.

invés de copiada *ipsis litteris*. Além disso, as correspondências em chinês estão dispostas na mesma linha das romanizações (ver Figura 26). Há itens com a parte chinesa anotada, sem, contudo, existir uma notação romanizada correspondente (ver Figura 27.) Podemos supor, por conseguinte, que na seção A-C, a redação das entradas portuguesas (primeira coluna) ocorreu em primeiro lugar, seguida pela anotação dos equivalentes chineses e, no fim, foi inserida a notação romanizada. As informações em italiano ou as revisões, adicionadas com outra tinta e mão imatura foram adicionadas em um momento posterior. Na linha 3, por exemplo, o caractere 貨 pode ter sido inserido posteriormente.

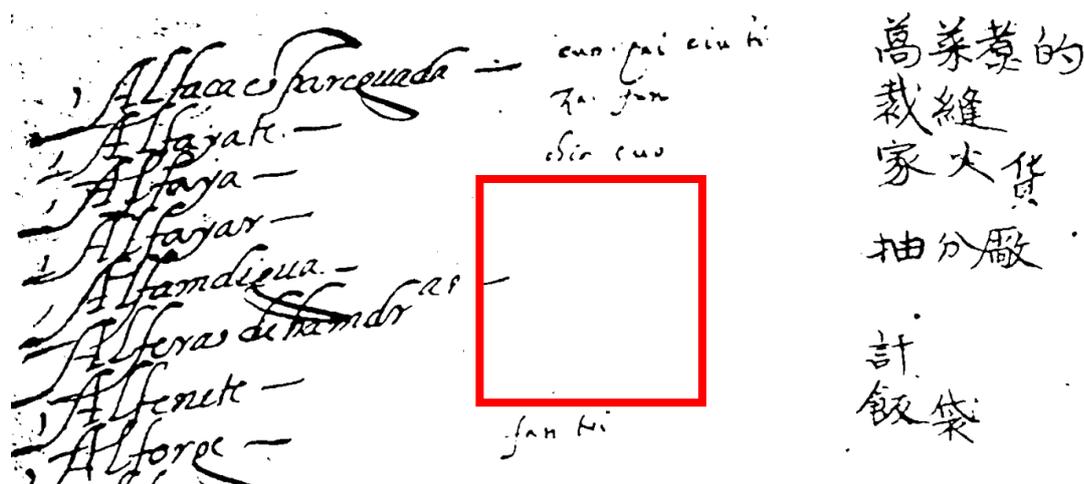


Figura 27: Exemplo da ausência de romanização no DPC (cf. excerto do fólio 39v).

		cuo cai ciu	
[1]	Alfaça esparguada	ti	莴菜煮的
[2]	Alfayate	zai fun	裁縫
[3]	Alfaya	chia cuo	家火貨
[4]	Alfayar		
[5]	Alfamdigua		抽分廠
	Alferas	de	
[6]	bamd[ei]r[as]		
[7]	Alfenete		計
[8]	Alforge	fan tai	飯袋

Quadro 5: Leitura do excerto do fólio 39v com alguns equivalentes chineses sem suas romanizações correspondentes, alinhados a partir da coluna de entradas portuguesas.

A presença de romanizações incorretamente anotadas também reforça essa conclusão. Um exemplo disso pode ser observado no excerto do fólio 59r do DPC, no qual aparecem as entradas “Colmea” ‘colmeia’ e “Colmear” ‘colmeal’ (Figura 28). Os caracteres 蜂岫 (fēng xiù¹⁹) são oriundos de uma palavra do dialeto fukiense, significando ‘colmeia’ ou ‘cortiço’. Todavia, a romanização dessa palavra foi anotada como <fu’ sa’ tien>. O redator da terceira coluna erroneamente anotou o segundo caractere 岫 utilizando dois caracteres separados 山 (shān²⁰)

¹⁹ Na notação pinyin do mandarim moderno.

²⁰ Idem.

e 田 (tián²¹). O redator que anotou os caracteres chineses na terceira coluna não é, portanto, o mesmo da notação romanizada na segunda coluna, posto que esse redator escreve os caracteres chineses com mão experiente. Ademais, pode até ser a pessoa que ofereceu a pronúncia ‘dialeto’ dos caracteres chineses anotados a serem romanizados, uma vez que, neste caso, 蜂岫 (fēng xiù) é uma forma equivalente oferecida por um chinês usuário do dialeto fukiense. Dessa maneira, o colaborador que ofereceu a produção fonte da romanização podia não conhecer essa palavra dialetal fukiense, gerando <fu’ sa’ tien>, embora a leitura dos caracteres chineses sugira a notação ‘fēng xiù’. O mesmo fenômeno também foi observado por Yao (2015), que apresenta exemplos de romanizações ‘inapropriadas’. Segundo o autor, esses eventos podem ser atribuídos à falta de conhecimento da língua chinesa (mandarim) por parte dos europeus ou a possíveis equívocos na pronúncia por parte dos colaboradores chineses que poderiam possuir conhecimento limitado dos caracteres.



Figura 28: Exemplo de romanização inadequada no DPC (cf. excerto do fôlio 59r).

[1]	colmea	fu' sa' tien	蜂岫
[2]	colmear		

Quadro 6: Excerto da leitura do fôlio 59r com uma romanização (do dialeto fukiense) não correspondente, portanto, à forma mandarina dos caracteres chineses.

Após a seção A-C, observa-se uma mudança significativa na natureza e no método de compilação do DPC. Na seção A-C, a sequência de redação pode ser estabelecida como *entradas em português* (cuja lista foi anotada previamente) > *caracteres chineses* > *notação romanizada* (e posteriormente italiano e revisão). Todavia, na seção D-Z, a ordem de redação foi alterada para *entradas em português* (anotado no momento da coleta total) > *notação romanizada* > *caracteres chineses* (e posteriormente italiano e revisão).

Um destaque notável da seção D-Z é a alta taxa de sucesso na coleta de equivalentes em chinês. Isso indica que o autor principal atua de forma mais pragmática no processo de redação do dicionário e abandona uma ideia preconcebida que resultava em uma baixa taxa de sucesso. Ruggieri menciona que aprendeu chinês com o auxílio de imagens, posto que os colaboradores chineses não sabiam muito bem falar português. Entretanto, algumas inconsistências entre as romanizações e os equivalentes em chinês, em certos casos, persistiram na seção D-Z:

1. Em algumas ocasiões, uma entrada portuguesa possui mais de um equivalente em chinês (como indicado na linha [1] na Figura 29 e no Quadro 7). Em geral, a romanização correspondente ao item no início da coluna da caligrafia chinesa;

²¹ Idem.

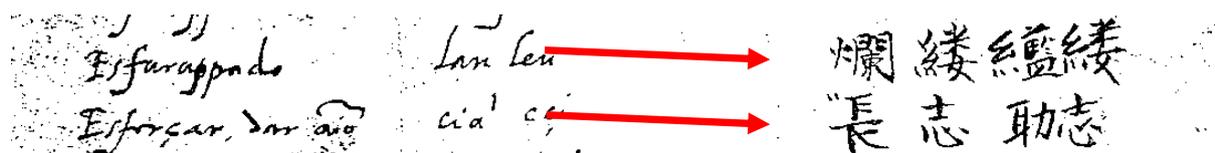


Figura 29: Exemplo de mais de um conjunto de caracteres chineses ao lado de apenas uma forma romanizada no DPC (cf. excerto do fólho 95v).

[1]	Esfarappado	lan leu	爛縷 ²² ①	藍縷 ²³ ②
	Esforçar, dar a	cia' cçi	長志 ^①	助志 ^②
[2]	a[ni]mo			

Quadro 7: Excerto de trecho da leitura do fólho 95v com mais de um conjunto de caracteres chineses ao lado de apenas uma forma romanizada no DPC.

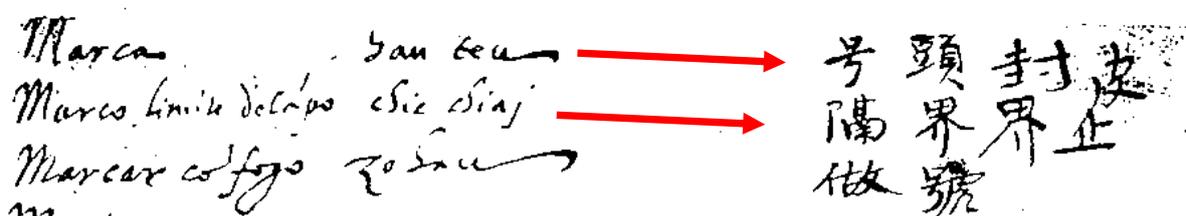


Figura 30: Exemplo de mais de um conjunto de caracteres chineses ao lado de apenas uma forma romanizada no DPC (cf. excerto do fólho 91v).

[1]	Marca	hau teu	号頭 ^①	封皮 ^②
	Marco limite de			
[2]	cãpo	chie chiaj	隔界 ^①	界止 ^②
[3]	Marcar cõ fogo	zo hau	做號	

Quadro 8: Leitura do excerto do fólho 91v com mais de um conjunto de caracteres chineses ao lado de apenas uma forma romanizada no DPC.

2. Em algumas ocasiões, uma entrada portuguesa possui a notação romanizada de seu equivalente em chinês, mas não há a correspondência chinesa na terceira coluna²⁴, como na linha [1] da Figura 31 e linha [2] da Figura 32.



Figura 31: Exemplo de forma romanizada sem o equivalente em caracteres chineses no DPC (cf. excerto do fólho 91v).

²² Para uma leitura semidiplomática, considere a grafia 爛縷 萎.

²³ Para uma leitura semidiplomática, considere a grafia 藍縷 萎.

²⁴ Na seção A-C, é comum que, se uma entrada não tivesse um equivalente em chinês, também não haveria romanização correspondente.

[1]	Enobreçer	pau yudi	
[2]	Enq[ua]nto	na sci	那時

Quadro 9: Leitura do excerto do fôlio 91v com a notação romanizada, mas sem equivalente em chinês.

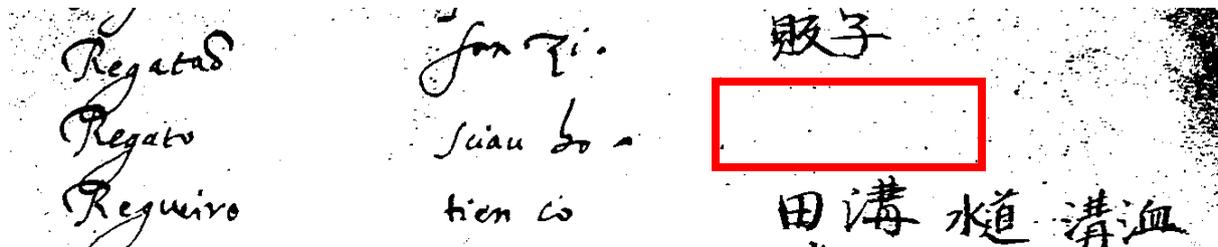


Figura 32: Exemplo de forma romanizada sem o equivalente em caracteres chineses no DPC (cf. excerto do fôlio 138r).

[1]	Regatão	fan zi	販子
[2]	Regato	sciau bo	
[3]	Regueiro	tien co	田溝 水道 溝澗

Quadro 10: Leitura de um excerto do fôlio 138r com forma romanizada na linha [2], mas sem equivalente em caracteres chineses no DPC.

A nossa hipótese em relação à sequência geral de compilação na seção D-Z assume que, quando o autor estava anotando as entradas ditadas a partir do dicionário de Cardoso (pois nessa parte, as diferenças na escrita portuguesa em relação à língua escrita fixada por Cardoso aumentam, o que reforça o papel de Ruggieri, um italiano não completamente proficiente na escrita da língua portuguesa), um (ou mais de um) colaborador chinês nativo era(m) consultado(s) para se determinar o equivalente oral em chinês. Se houvesse uma correspondência em chinês, isto é, se ambos chegassem a um acordo sobre uma determinada entrada, Ruggieri escrevia a entrada portuguesa e registrava, imediatamente, a notação romanizada do item, elaborada a partir da pronúncia da língua chinesa. Posteriormente, um colaborador chinês nativo escrevia os caracteres correspondentes na coluna ao lado da forma romanizada. Essa hipótese encontra respaldo em várias evidências no DPC:

- (2) a. A romanização era redigida depois da entrada em português e comumente antes dos equivalentes em escrita chinesa. Com base no exemplo na Figura 33, podemos observar que, na segunda coluna, há a romanização <chien sin>, equivalente ao item 虔心 (qián xīn²⁵) na terceira coluna. Na primeira coluna, encontra-se a entrada *deuodo*, isto é, ‘devoto’, em português contemporâneo. Imediatamente depois da entrada portuguesa (i. é, à direita), estão presentes os grafemas “ch”. Porém essa anotação foi riscada, resultando em “eh”, a qual constitui precisamente a primeira parte da romanização desta entrada

²⁵ Pinyin em mandarim moderno.

presente na segunda coluna²⁶. Isso sugere que a romanização foi escrita imediatamente depois da entrada em português, em um momento que o autor do DPC já tinha acesso ao equivalente oral chinês. A rasura se deve ao fato de que o autor se lembrou que deveria manter a notação na segunda coluna do fólho alinhada com toda a coluna e não junto à entrada portuguesa. Ainda na Figura 33, podemos observar a presença da mesma mão para a entrada portuguesa e para a notação, ao passo que há duas mãos, marcadas com os números ① e ②, atuando na anotação dos caracteres chineses, o que sugere que o dado foi anotado e, posteriormente, revisto por outro colaborador chinês, que dessa vez, forneceu um conjunto de caracteres diferentes, embora portadores de significados análogos: ① 虔心 significa ‘devoto, sincero’, enquanto ② 誠意 significa ‘sinceridade’.

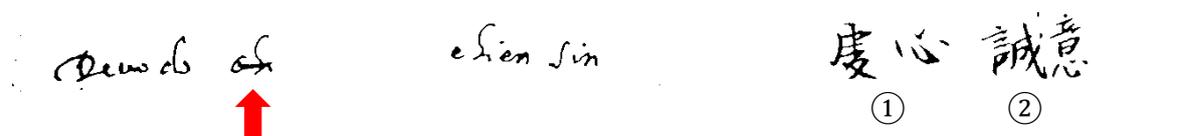


Figura 33: Evidência de forma romanizada redigida imediatamente depois da entrada em português, marcada com uma rasura (de eh), indicada pela flecha, na seção D-Z (cf. excerto do fólho 82v).

	Deuodo	chien		
[1]	eh	sin	虔心	誠意
			①	②

Quadro 11: Leitura do um excerto do fólho 82v enfatizando a forma romanizada redigida imediatamente depois da entrada em português, na seção D-Z (cf. excerto do fólho 82v).

b. Na seção D-Z, as entradas e as notações romanizadas estão alinhadas (cf. Figura 26). Contudo, há desalinhamento na seção chinesa, posto que foi elaborada por colaboradores que não participaram da redação da primeira e segunda colunas. Na Figura 34, por exemplo, os colaboradores chineses, ao escreverem os caracteres relativos à forma <cai cum>, ocuparam duas linhas porque cada uma das equivalências precisou de uma linha, gerando um efeito cascata (de desalinhamento) nas demais colaborações nas linhas subsequentes. Às vezes, o autor documenta mais de uma forma romanizada para a entrada portuguesa. Igualmente, a Figura 34, segundo nossa leitura, também indica que o item na linha [6] “Embrenharse, meterse nos matos” possui duas formas romanizadas <zaõ sa’ lin>²⁷ e <zaõ scin san>²⁸ (Quadro 12), uma em cada linha (fileiras [6] e [7]). Todavia há apenas uma forma chinesa equivalente, 山林²⁹, na qual os caracteres chineses não correspondem exatamente à romanização.

²⁶A prática de Ruggieri de fazer emendas riscando o seu próprio texto, principalmente na coluna das romanizações, é regular nas seções D-Z do DPC.

²⁷ Pode corresponder a 藏山林 (cáng shān lín), significando ‘embrenhar-se nas florestas montanas’.

²⁸ Pode corresponder a 藏深山 (cáng shēn shān), significando ‘embrenhar-se nas montanhas afastadas’.

²⁹ 山林 (shān lín), significando ‘florestas montanas’.

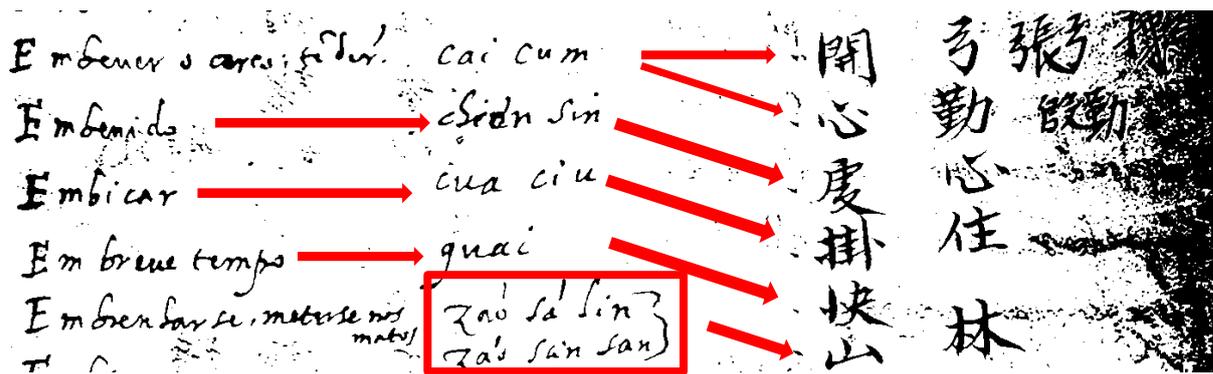


Figura 34: Evidência de alinhamento entre as entradas portuguesas e a notação romanizada, mas desalinhamento dos equivalentes em escrita chinesa, na seção D-Z (cf. excerto do fôlio 87v).

[1]	Embeuer o arco, teder	cai cum	開弓 ^① 張弓 ^② 拽
[2]			弓 ^②
[3]	Embeuido	chien scin	心勤 ^① 殷勤 ^②
[4]	Embicar	cua ciu	虔心
[5]	Em breue tempo	quai	掛住
	Embrenharse, meterse nos		快
[6]	matos	zaõ sa' lin	快
[7]		zaõ scin san	掛住

Quadro 12: Leitura de um excerto do fôlio 87v com duas formas romanizadas (linhas 5 e 6), mas apenas um equivalente em chinês, na seção D-Z, alinhados de acordo com a coluna das entradas portuguesas (cf. excerto do fôlio 87v).

Assim, no exemplo apresentado na Figura 34, as entradas da primeira coluna correspondem à da segunda, como na entrada *Em breue tempo*, ou seja, ‘em breve tempo’, cuja romanização apresentada é <quai>, em chinês 快. Contudo, no fôlio 87v (Figura 34), em vez de encontrarmos 快 na mesma linha de *Em breue tempo*, há o equivalente chinês 掛住, ou seja, item correspondente ao significado da entrada anterior “embicar”. Nesse caso, não há alinhamento entre as colunas *português* > *romanização* > *chinês*. Portanto, isso se constitui em uma evidência para se demonstrar que as entradas em português e as formas romanizadas foram escritas sequencialmente, uma vez que o alinhamento da primeira coluna é precisamente correspondente ao da segunda. Por conseguinte, os equivalentes em chinês (na terceira coluna) devem ter sido adicionados posteriormente.

- c. Em alguns casos, as romanizações não possuem equivalentes em chinês (cf. Figura 35). No exemplo, a entrada em português “Denotar” possui a forma romanizada <gni cu>, mas a contraparte em chinês não foi redigida. Pode-se tratar de um lapso dos colaboradores chineses ou do principal redator, mas permite-nos demonstrar que, na seção D-Z, a coluna chinesa era inserida depois da romanização.

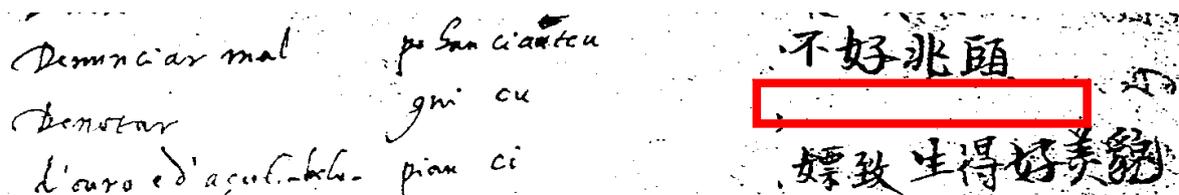


Figura 35: Evidência de não correspondência entre as romanizações e os equivalentes em chinês (cf. excerto do fólio 76r).

		po hau ci'au	
[1]	Denunciar mal	teu	不好兆頭
[2]	Denotar	gni cu	
[3]	d'ouro e	pian ci	嫵致 生得好美貌

Quadro 13: Leitura do excerto do fólio 76r com exemplo de não correspondência entre as romanizações e os equivalentes em chinês.

Já no exemplo da Figura 36, a romanização na linha [3], <na sci cie>, não possui um equivalente em escrita chinesa e, portanto, não está alinhada com nenhum dos equivalentes em chinês encontrados no fólio.

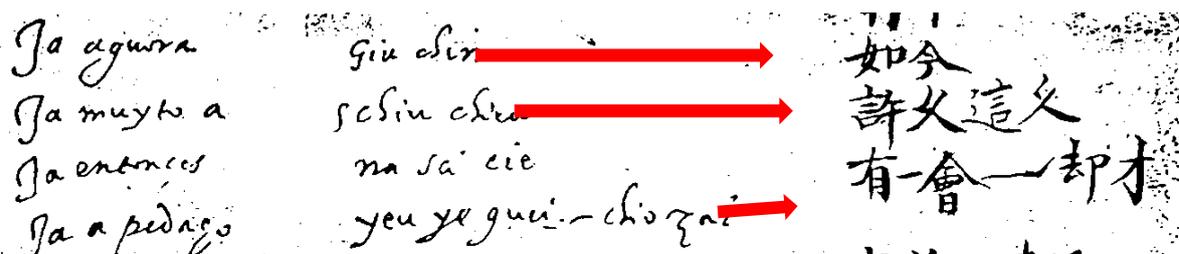


Figura 36: Evidência de não correspondência entre as romanizações e os equivalentes em chinês (cf. excerto do fólio 108r).

[1]	Ja aguora	giu chin	如今
[2]	Ja muyto a	schiu chieu	許久 ^① 這久 ^②
[3]	Ja entonçes	na sci cie	
		yeu ye quei - chio	却才
[4]	Ja a pedaço	zai	有一會

Quadro 14: Leitura de um excerto do fólio 108r no qual não há correspondência entre as romanizações e os equivalentes em chinês na linha [3]. Os itens foram alinhados a partir das entradas portuguesas.

Além disso, é possível observar também que há romanizações não correspondentes totalmente aos caracteres na terceira coluna. Por exemplo, na Figura 37, a romanização da entrada *Escumar da boca* é <yeu cheu pau>, a qual poderia ser escrita com os caracteres 有口泡 (yǒu kǒu pào)³⁰, significando 'há espuma na boca'; entretanto, na terceira coluna, tem-se o registro de 泡多 (pào duō)³¹, romanizada como <yeu cheu pau>. Contudo, os caracteres chineses e a transliteração correspondem literalmente à expressão 'muita espuma'.

³⁰ Pinyin em mandarim moderno.

³¹ Idem.

Figura 37: Evidência de correspondência imprecisa entre as romanizações e os equivalentes em chinês (cf. excerto do fôlio 95r).

	Escumar da	yeu cheu	
[1]	bocca	pau	泡多

Quadro 15: Leitura de um excerto do fôlio 95r com uma correspondência imprecisa entre a romanização e o equivalente em chinês.

Na Figura 38, por sua vez, a romanização da entrada *Estar dependurado* é <tiau chij>, cujos caracteres correspondentes deveriam ser 吊起 (diào qǐ)³², que significa ‘pendurar’, em vez de 吊在 (diào zài)³³, presentes na terceira coluna, que significa ‘estar pendurado em’.

Figura 38: Evidência de correspondência inexata entre as romanizações e os equivalentes em chinês (cf. excerto do fôlio 97v).

	Estar		
[1]	dependurado	tiau chij	吊在

Quadro 16: Leitura de um excerto do fôlio 97v com uma correspondência inexata entre a romanização e o equivalente em chinês.

Por fim, na Figura 39, a entrada *Estar fora de si* recebeu a romanização <tien liau> e os caracteres chineses 顛狂 (diān kuáng)³⁴, contudo, esses caracteres seriam mais apropriados para a expressão ‘estar louco’, ao passo que a expressão 顛了 (diān liǎo)³⁵ pode ser considerada a forma mais apropriada para ‘ficar louco’.

Figura 39: Evidência de correspondência imprecisa entre a romanização e o equivalente em chinês (cf. excerto do fôlio 98r).

[1]	Estar fora de si	tien liau	顛狂
-----	------------------	-----------	----

Quadro 17: Leitura de um excerto do fôlio 98r com uma correspondência inexata entre a romanização e o equivalente em chinês.

³² Pinyin em mandarim moderno.

³³ Idem.

³⁴ Idem.

³⁵ Ibidem.

d. Há um espaço adequado entre as entradas portuguesas e as várias formas romanizadas, empilhadas em colunas, como pode ser observado na Figura 40 e na Figura 41. Nas mesmas figuras, nem sempre os equivalentes em chinês estão alinhados com as formas romanizadas ou até mesmo correspondem às romanizações³⁶. A entrada na linha [1] da Figura 40, por exemplo, possui três formas romanizadas, sendo duas equivalentes à primeira notação na segunda coluna, (não há romanização para o item 致富, na linha [1], como indica a leitura no Quadro 18) e as demais aos equivalentes nas linhas [2] e [3], respectivamente. Na leitura da entrada portuguesa na linha [4], por sua vez, embora os itens em escrita chinesa estejam também todos na mesma linha do original, no Quadro 18, realinhamos cada romanização ao seu equivalente chinês.

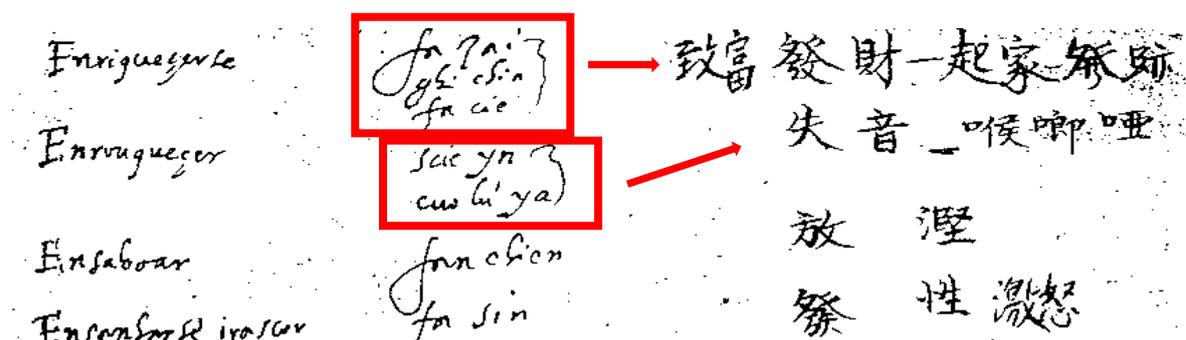


Figura 40: Evidências de espaço adequado entre as entradas portuguesas e as múltiplas romanizações, acompanhadas da escrita chinesa desalinhada com suas transliterações (cf. exceto do fôlio 99v).

[1]	Enriqueçer-se	fa zai	致富 ^②	發財 ^①
[2]		ghi chia	起家	
[3]		fa cie	發跡	
[4]	Enrouqueçer	scie yn	失音	
[5]		cuo lu'	喉啣啞	
		ya		
		fan		
[6]	Ensaboar	chien	放溼	
	Ensanhar-se			激怒 ^②
[7]	irasçor	fa sin	發性 ^①	

Quadro 18: Leitura de um excerto do fôlio 99v no qual há um espaço adequado entre as entradas portuguesas e as várias formas romanizadas. Os equivalentes em chinês foram alinhados às suas romanizações.

Na Figura 41, por sua vez, a entrada *Falcão* recebeu subentradas com suas respectivas romanizações, contudo, a correspondência dos equivalentes chineses se limita a 黃鶯鷹, 老鶯鷹 e 鷓鴣鷹.

³⁶ Além disso, nota-se uma utilização errada dos caracteres equivalentes em chinês, especificamente, “鶯” e “鷹”; contudo, foge ao escopo deste trabalho analisar esses caracteres.

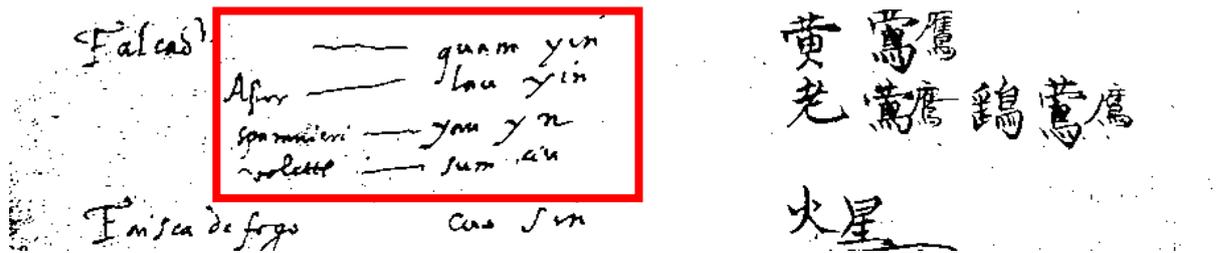


Figura 41: Evidências de espaço adequado entre as entradas portuguesas (cf. excerto do fôlio 99v).

[1]	Falcão	quam yin	黄鶯鷹	
[2]		Açor	lau yin	老鶯鷹
[3]		spa mnieri	yau yn	鷓鶯鷹
[4]		volette	sum ciu	
	Faisca de			
[4]	fogo	cuo sin	火星	

Quadro 19: Leitura de um excerto do fôlio 99v com espaço adequado entre a entrada portuguesa e outras três subentradas e suas respectivas romanizações, alinhados a partir das entradas portuguesas.

Os dados na Figura 40 e na Figura 41 comprovam que as entradas portuguesas foram escritas primeiramente, imediatamente seguidas pelas formas romanizadas alinhadas adequadamente nos fôlios na seção D-Z.

- b. Nas entradas iniciais da seção D-Z, mais especificamente, nos fôlios 72r-89r, muitas vezes, há um ‘pontinho’ antes de cada entrada da terceira coluna (cf. Figura 42 e Figura 43), enquanto na seção A-C, os pontinhos aparecem quase sempre antes das entradas portuguesas na primeira coluna³⁷ (cf. Figura 44). A observação desses pontinhos revela nuances sobre o trabalho de compilação do DPC. Na seção D-Z, por exemplo, a entrada “denotar” na Figura 42, linha 4, recebeu um pontinho (indicado pela seta), mesmo que não tenha um equivalente em chinês correspondente na área da terceira coluna. Todavia a entrada possui uma forma romanizada na segunda coluna.

³⁷ Porém, é importante mencionar que nem todas as entradas em português com formas romanizadas e equivalentes têm ‘pontinhos’. Ademais, os pontinhos foram observados no manuscrito original e não se trata de borrões ou manchas de tinta.

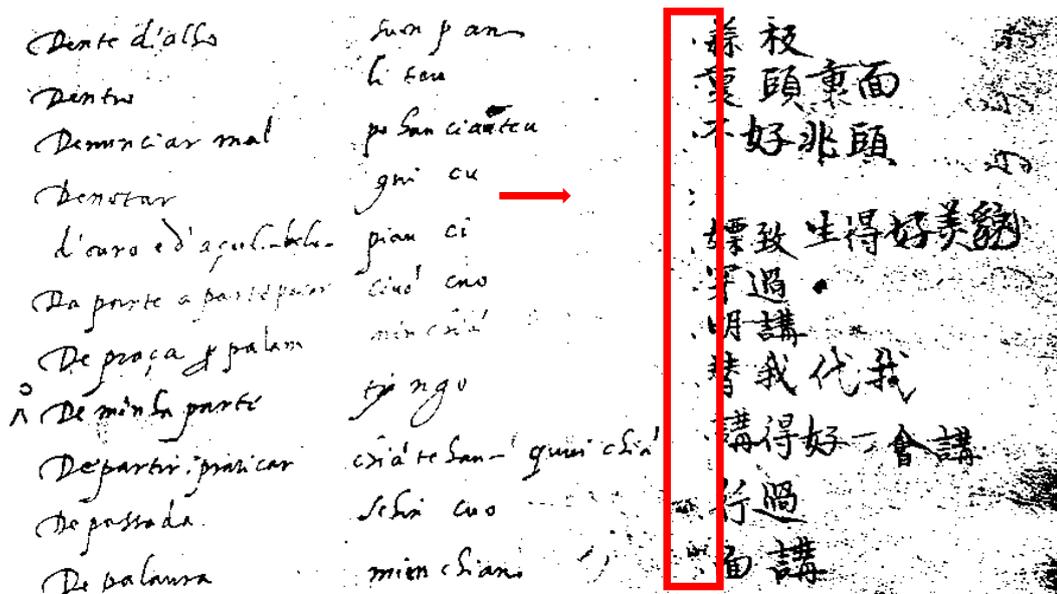


Figura 42: Pontinhos antes de cada entrada da terceira coluna (cf. excerto do fólho 76r).

[1]	Dente d'alto	suon pan	.	蒜板
[2]	Dentro	li teu	.	裏頭 ^① 裏面 ^②
[3]	Denunciar mal	po hau ciau teu	.	不好兆頭
[4]	Denotar	gni cu	.	
	d'ouro e d'açol -			嫵致 ^① 生得好美貌
[5]	belo	piau ci	.	②
	Da parte a parte			
[6]	pasar	ciuo' cuo	.	穿過
	De praça			
[7]	[pro]palam	min chiã	.	明講
[8]	(°^) De minha parte	ty ngo	.	替我 ^① 代我 ^②
		chiã te hau - quei		
[9]	Departir, praticar	chiã	.	講得好 會講
[10]	De passada	schin cuo	.	行過
[11]	De palaura	mien chian	.	面講

Quadro 20: Leitura de um excerto do fólho 76r no qual podemos observar um pontinho diante dos itens da terceira coluna. No entanto, o pontinho pode ser observado na linha [4], mesmo que não haja a grafia chinesa equivalente.

Já na Figura 43, diante de duas entradas portuguesas aparece o item lexical *vide*, ou seja, uma forma para remeter o leitor a um outro ponto do trabalho. De tal modo, na linha 2, foi grafado *descoroçoar vide desanimar*. Contudo, a entrada *desanimar* não está no DPC, portanto, essa remissão se mostra pouco útil. Ao contrário, a entrada *discrepar vide descôcordar*, linha 6, possui a forma remissiva *Desconcordar* no fólho 78v. Em ambos os casos, não foram redigidas as formas romanizadas nem os equivalentes em grafia chinesa. Igualmente, essas duas entradas não possuem um 'pontinho', o que sugere que não foram confirmadas pelo próprio autor líder.

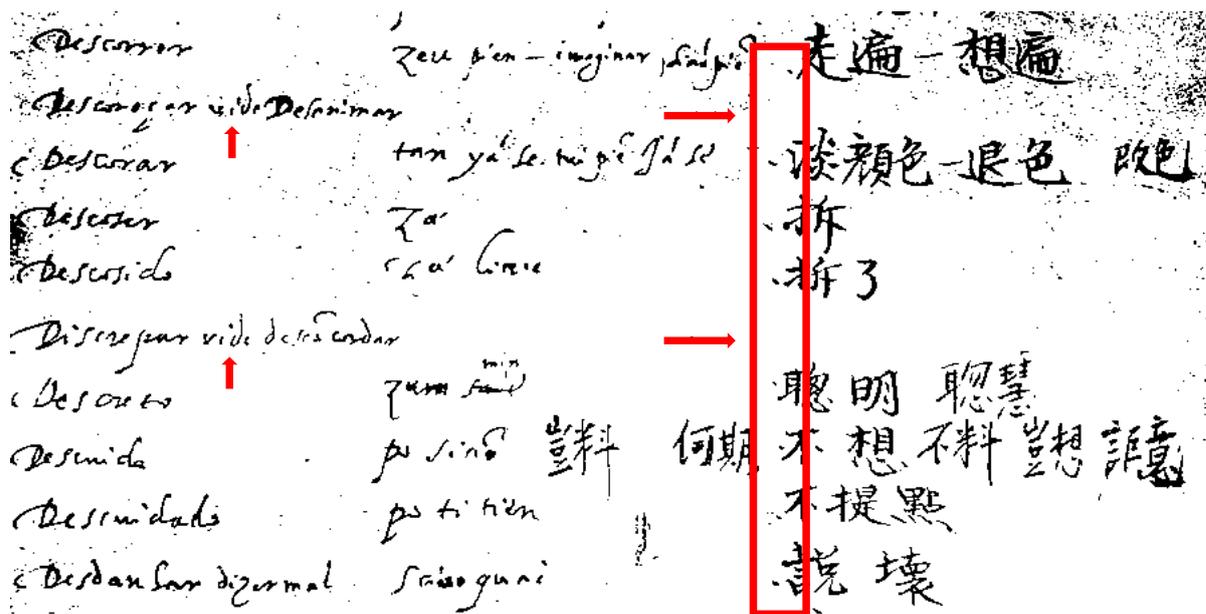


Figura 43: Entradas com anotação 'vide' na primeira coluna, marcadas com as setas verticais, e ausência de pontinhos antes da parte correspondente da terceira coluna, marcadas com as setas horizontais (cf. excerto do fólho 78v).

		zeu pien - imaginar sião piē	.	走遍 - 想遍
[1]	Descorrer Descoroçoar <i>vide</i>			
[2]	desanimar			
[3]	Descorar	tan yā se, tui piē jā se	.	淡顏色 - 退色 改色
[4]	Descoser	za'	.	拆
[5]	Descosido Discrepar <i>vide</i>	za' liau	.	拆了
[6]	descõcordar			
[7]	Discreto	zum seie' min	.	聰明 ^① 聰慧 ^② 豈料 ^② 何期 ^② 不想 ^① 不 料 ^②
[8]	Descuido	po siaō	.	豈想 ^② 詭意 ^②
[9]	Descuidado	po ti tien	.	不提點
[10]	Desdanhar dizer mal	sciuo quai	.	說壞

Quadro 21: Leitura de um excerto do fólho 78v sem as formas romanizadas e equivalentes chineses na terceira coluna, bem como a ausência de pontinhos das linhas [2] e [6].

Na seção A-C, por sua vez, somente as entradas portuguesas com as suas formas romanizadas possuem um pontinho, como apresentado na Figura 44. Isso sugere que esses 'pontinhos', nessa seção, podem ter sido usados para indicar que o redator conseguiu obter as informações de que necessitava em alguns dos itens da lista previamente elaborada. Contudo, na linha [7], embora

[1]	.	Açenar	ciau	招
[2]		Açeno		
[3]		Açento		
[4]	.	Açender	tien cuo cio cuo	點火
[5]	.	Açemderse	sciau	着火燒
[6]	.	Açepilhar	mo	磨
[7]	.	Açepelhador		
[8]	.	Açerca	schi	係
[9]	.	Açertar noaruore	ciu'	中
[10]	.	Açertarouindoro	sien ci tau	先知道 幸遇 ^① 奇逢
[11]	.	Açerto - casos	schin iu	②
[12]		Açertarse		
[13]		Açeladar AÇIDENTE		
[14]		dedoenca		
[15]	.	Açidente	mu' ssi	朦死

Quadro 22: Leitura de um excerto do fólho 34v com destaque para pontinhos confirmando o preenchimento das segundas e terceiras colunas.

Em suma, a ordem de redação do DPC revela uma decisão pragmática ao abandonar um sistema previamente estabelecido na seção A-C (e, possivelmente, considerado como eficiente) e adotar um sistema de fato eficiente (ou seja, um sistema no qual cada entrada em português possui pelo menos um equivalente em chinês e uma forma romanizada), na seção D-Z, que permite a recolha de um maior número de entradas com suas romanizações e equivalentes chineses.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise da contribuição dos agentes envolvidos no processo de redação, estabelecemos a ordem de redação do DPC. Para tanto, foi necessário, primeiramente, dividir o DPC em 2 partes. A primeira parte contém as entradas de A a C. Nesta parte todas as entradas em português foram escritas por um amanuense de maneira prévia, seguidas pelos equivalentes em chinês, quando encontrados, e por fim, a notação romanizada dos itens chineses. Posteriormente, o manuscrito recebeu uma quarta coluna com as palavras em italiano, escritas inclusive com uma tinta diversa das demais empregadas nas outras colunas. Dessa forma, o que temos nessa primeira seção é um agente que ainda busca encontrar as melhores soluções para o seu trabalho lexicográfico. Esse compilador parte da hipótese inicial

de que haveria um correspondente chinês para todos os itens listados como entradas no DPC, a partir do dicionário de Cardoso (1569). Para sustentar essa hipótese, é necessário que haja um grupo de colaboradores chineses que dominem duas línguas (a língua chinesa e a portuguesa), a tal ponto de se obter todos os equivalentes desejados. Contudo, a redação da primeira parte do DPC tem uma ‘taxa de sucesso’ baixa, ou seja, isto é, a formulação da sequência *entrada em português > notação romanizada > equivalente em chinês*, posto que apenas 1/3 das entradas de Cardoso (1569) são satisfatoriamente redigidas com sua contraparte chinesa e romanizações. Além disso, devido às limitações físicas (o espaço no papel) provocadas pela escolha da lista previamente produzida, alinhar tanto as formas romanizadas como os equivalentes chineses em um espaço reduzido se torna uma tarefa impossível.

Diante de um cenário complexo para a compilação do dicionário, a técnica de redação da segunda parte do DPC precisa ser alterada. Nesse momento, o autor assume o seu papel de lexicógrafo dileitante e passa a fazer escolhas que terão implicações em todo o trabalho. O autor líder, primeiramente, abandona a lista fixa e passa a utilizar um sistema no qual cada entrada portuguesa somente é anotada quando os colaboradores chineses oferecem um equivalente em chinês ou o autor consegue romanizar ou transliterar uma dada pronúncia ou escrita, respectivamente. No entanto, para tal é necessário alterar a ordem de redação. Ruggieri agora registra a entrada principal, seguida da notação romanizada e, por fim, são anotados os caracteres chineses por colaboradores chineses. Posteriormente, em um momento de revisão do trabalho, são acrescentados outros caracteres chineses, dessa vez, anotados por Ruggieri com uma mão imatura na caligrafia chinesa. Possivelmente, é nesse momento que o autor retorna à primeira parte de seu manuscrito e inclui novas intervenções como, por exemplo, as formas romanizadas inseridas com uma tinta europeia, bem como as próprias observações em italiano, essas igualmente inseridas com a mesma tinta.

Na segunda parte do DPC (entradas D-Z), Ruggieri abandona algumas práticas malsucedidas da seção A-C. Assim, o autor desiste ou pelo menos abdica da ideia de encontrar um equivalente para cada entrada do dicionário de Cardoso (1569) e se satisfaz com os equivalentes que consegue de fato encontrar. Neste momento, o dicionário de Cardoso (1569) ainda é uma referência, porém dadas as limitações no processo de coleta de dados, o autor acaba por ficar satisfeito com o que consegue de fato. Ademais, a lista em português pré-preparada é abandonada e cada entrada em português só é redigida quando se consegue um (ou mais de um) equivalente em chinês. A redação da romanização passa a ser crucial. Por fim, elementos de revisão ou em italiano são anotados a posteriori.

(3) Ordem de redação

a. Seção A-C

*Entradas em português*_(Agente 1) > *chinês*_(Agentes 3/4/5) > *notação romanizada*_(Agente 2) > *italiano*_(Agente 2) e *revisão*_(Agente 2)

b. Seção D-Z

*Entradas em português*_(Agente 2) > *notação romanizada*_(Agente 2) > *chinês*_(Agentes 3/4/5) > *revisão*_(Agente 2)

A nova prática de redação na seção de D-Z revela também o amadurecimento do autor como lexicógrafo, percurso no qual ele abandona um modelo estanque e tenta encontrar as melhores soluções e práticas, criando o seu próprio discurso. Portanto, o desenho da segunda parte do DPC é condicionado à sua ideia de um dicionário bilíngue pragmático, no qual é mais importante conseguir o possível, ao invés de trabalhar com um modelo inviável. A taxa de sucesso passa a ser de 95%. Contudo, esse valor se refere às entradas redigidas e não mais à lista de Cardoso. Portanto, o manuscrito do *Dicionário Português-Chinês* deve ser compreendido como um trabalho em construção, interrompido. Tratá-lo como uma obra acabada e pronta para ser publicada implica em assumir que seu autor principal era um lexicógrafo experiente. Por outro lado, isso não quer dizer que o DPC seja menos importante. Sua importância reside no fato de ser o pioneiro, se constituindo como a primeira obra lexicográfica português-chinês e, ao mesmo tempo, revelar o processo de amadurecimento de um trabalho lexicográfico. Como a primeira obra bilíngue português-chinês se constitui também em uma janela entre duas civilizações.

CRedit

Gabriel Antunes de Araujo e Chenglin Zhu participaram de maneira colaborativa em todas as fases do trabalho: conceituação, coleta de dados, análise, metodologia, validação, escrita e revisão.

Agradecimentos

Agradecemos ao editor e a três revisores anônimos pelos comentários e sugestões em uma versão anterior deste texto. Igualmente somos gratos aos comentários e sugestões da audiência nas *Conferências da Primavera do Centro Científico e Cultural de Macau*, Lisboa, 2024 e no Seminário *The history of lexicography: language variation in bilingual lexicography 1500-1900* na *International Conference on the History of the Languages Sciences*, Tblisi, 2024. O acesso ao manuscrito do DPC foi possível graças à generosidade do *Arquivo da Companhia de Jesus* em Roma, especialmente ao Dr. Festo Mkenda S. J. e Dr. Mauro Brunello, a quem deixamos um agradecimento especial.

Referências bibliográficas

- Assunção, Carlos, Sílvio Neto & Gonçalo Fernandes. 2019. The first Portuguese-Chinese dictionary: Contributions to the discussion of the context of production and authorship. *Beitrag zur Geschichte der Sprachwissenschaft*, 29, 49-70.
- Assunção, Carlos & Minfen Zhang. 2022. A Discussion of the Background and Authorship of the First Portuguese-Chinese Dictionary. *International Sinology*, (4), 52-60.
- Barreto, Luís Filipe. 1997. A fronteira cultural. *Revista Macau*, 2a(58), 42-56.

- Barreto, Luís Filipe. 2000. Fundamentos da Cultura Portuguesa da Expansão. *Philosophica*, 15, 89-115.
- Barreto, Luís Filipe. 2002a. Macau: Fronteira Intercultural no Período Ming. *Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, 6, 121-142.
- Barreto, Luís Filipe. 2002b. Reseña de "Dicionário Português-Chinês" de John W. Witek (ed.). *Bulletin of Portuguese - Japanese Studies*, (5), 117-126.
- Bian, Haoyu & Jia Yan. 2010. Do dicionário Português-Chinês ao Hsi-ju erh-mu tzu: os jesuítas na China e a evolução histórica do antigo esquema Hanyu Pinyin (從《葡漢詞典》到《西儒耳目資》——來華耶穌會士與早期漢語拼音方案的歷史演變). *Science and technology information*, (1), 223-224.
- Biderman, Maria Tereza Camargo. 2001. Léxico e vocabulário fundamental. *ALFA: Revista de Linguística*, 40, 27-46.
- Canaris, Daniel. 2019. The *Tianzhu Shilu* Revisited China's First Window into Western Scholasticism. *Frontiers of Philosophy in China*, 14(2), 201-225.
- Cardoso, Jeronimo (1562-1563). Hieronymi Cardosi Lamacensis dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem. Lisboa: Ex officina Ioannis Aluari Typographi Regij.
- Cardoso, Jerónimo. 1569. *Hieronymi Cardosi Lamacensis Dictionarium ex Lusitanico in latinum sermonem*. Lisboa: Officina Ioannis Aluari.
- Castro, Ivo (1992). Enquanto os escritores escreverem.... Paper presented at the Atas do IX Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina, Campinas.
- Castro, Ivo. 1995. O Retorno à Filologia. In Cunha, Celso, Cilene da Cunha Pereira & Paulo Roberto Dias Pereira (eds.), *Miscelânea de Estudos Linguísticos, Filológicos e Literários in Memoriam Celso Cunha*, pp. 511-520. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Chan, Albert. 1993. Michele Ruggieri, S.J. (1543-1607) And His Chinese Poems. *Monumenta Serica*, 41, 129-176.
- D'Elia, Pasquale Maria. 1942. *Fonti ricciane; documenti originali concernenti Matteo Ricci e la storia delle prime relazioni tra l'Europa e la Cina (1579-1615)*. Rome: Libreria dello Stato.
- D'Elia, Pasquale Maria. 1949. *Fonti Ricciani*. Roma.
- Dunne, George Harold. 1962. *Generation of Giants: The Story of the Jesuits in China in the Last Decades of the Ming Dynasty*. Notre Dame: University of Notre Dame Press.
- Han, Xiaoyan. 2022. A Study on the Neologisms of Religious Philosophy in the Portuguese-Chinese Dictionary. *International Sinology*, (4), 61-69.
- Hsia, R. Po-chia. 2012. *A jesuit in the forbidden city: Matteo Ricci 1552-1610*. Oxford: Oxford University Press.
- Levi, Joseph Abraham. 1998. *O dicionário Português-Chinês de Padre Matteo Ricci, S.J. (1552-1610): uma abordagem histórico-linguística*. New Orleans: University Press of the South.
- Levi, Joseph Abraham. 2001. Sino-Lusitanian Religious Contacts and Scholarly Rewards: Father Matteo Ricci, S.J., (1552-1610), and the Dicionário Português-Chinês, (c. 1583-1588). The First European-Chinese Dictionary. *Portuguese Studies Review*, 9(1-2), 334-371.
- Levi, Joseph Abraham. 2014. The Ricci-Ruggieri Dicionário Europeu-Chinês: Linguistic and Philological Notes on Some Portuguese and Italian Entries. In Simmons, Richard VanNess & Newell Ann Van Auken (eds.), *Studies in Chinese and Sino-Tibetan Linguistics: Dialect, Phonology, Transcription and Text 漢語與漢藏語研究: 方言、音韻與文獻*, pp. 343-366. Taipei: Academia Sinica.
- Levi, Joseph Abraham. 2022. *Portuguese-Chinese Dictionary. An Analysis of Historical Linguistics (《葡漢辭典》歷史語言學探析)*. Beijing: Academy Press.
- Levi, Joseph Abraham & Yue Xu. 2018. A Study on Matteo Ricci's Portuguese-Chinese Dictionary with a Historical-Linguistic Approach. *International Sinology*, (3), 20-30.
- Li, Wen. 2008. *Identificação de Caligrafia (笔迹鉴定学)*. Beijing: Chinese People's Public Security University Press.
- Luo, Y. 2016. The Jesuits' Latin Translations of the Zhongyong 中庸 during the 17th and 18th Centuries. *Journal of Confucian Philosophy and Culture*, 26, 1-24.
- Marcotulio, Leonardo Lennertz, Célia Regina Lopes, Mário Jorge Bastos & Thiago Laurentino Oliveira. 2018. Capítulos 1, 2 e 3. *Filologia, história e língua: olhares sobre o português medieval*, pp. 33-126. São Paulo: Parábola.

- Megale, Heitor, Sílvio de Almeida Toledo Neto & Phablo Roberto Marchis Fachin. 2015. *Por rumos da agulha: documentos do ouro do século XVIII*. São Carlos: Editora Cubo.
- Messner, Dieter. 1995. O primeiro dicionário bilingue português que utiliza uma língua estrangeira moderna. *Verba Hispanica*, (5), 57-65.
- Ruggieri, Michele & Matteo Ricci. 2001. Facsimile do Dicionário Português-Chinês. In Witek, John W. (ed.), *Dicionário Português-Chinês*, pp. Lisbon/Macau/San Francisco: Biblioteca Nacional de Portugal/Instituto Português do Oriente/Ricci Institute for Chinese-Western Cultural History/University of San Francisco.
- Spina, Segismundo. 1977. *Introdução a edótica*. São Paulo: Edusp.
- Thomas, Richard F. 1990. Past and Future in Classical Philology. *Comparative Literature Studies*, 27(1), 66-72.
- Venturi, Pietro Tacchi (ed.) 1911-1913. *Opere storiche del P. Matteo Ricci, S. I.* (F. Giorgetti.). Macerata.
- Viaro, Mário Eduardo. 2019. Aspectos lexicográficos na ordem alfabética de Jerônimo Cardoso. *Caligrama Revista de Estudos Românicos*, 24(2), 7-22. <https://doi.org/10.17851/2238-3824.24.2.7-22>
- Wan, Yunlu. 2021. *Analysis of Michele Ruggieri's Contribution to the Dicionário Português-Chinês in the Ming dynasty and the Compiling Features of the Dictionary*. Venice: Università Ca' Foscari Venezia Tese de doutorado.
- Wang, Huiyu. 2019. Research on the Conceptual Interpretation of Michele Ruggieri's "Portuguese-Chinese Dictionary" from the Perspective of Cultural Exchange between China and the West. *Linguistics Journal of Beijing Normal University*, (1), 351-362.
- Witek, John W. 2001. Introdução. In Witek, John W. (ed.), *Dicionário Português-Chinês*, pp. Lisbon/Macau/San Francisco: Biblioteca Nacional Instituto Português do Oriente Ricci Institute for Chinese-Western Cultural History (University of San Francisco).
- Xu, Wenkan. 2004. Sobre os primeiros missionários ocidentais e a compilação de dicionários (談早期西方傳教士與辭書編纂). *Lexicographical Studies*, (05), 121-126.
- Yang, Paul Fu-mien (1989). The Portuguese-Chinese Dictionary of Matteo Ricci: A historical and linguistic introduction. *Proceedings of the 2nd International Conference on Sinology*. Taipei: Academia Sinica.
- Yang, Paul Fu-mien. 1995. The Portuguese-Chinese Dictionary of Matteo Ricci: A historical and linguistic introduction (羅明堅、利瑪竇《葡漢辭典》所記錄的明代官話). *The Journal of Linguistic Society of China*, (5), 35-81.
- Yang, Paul Fu-mien. 2001. Dicionário Português - Chinês de Michele Ruggieri e Matteo Ricci: Introdução Histórico-Linguística. In Witek, John W. (ed.), *Dicionário Português-Chinês*, pp. Lisbon/Macau/San Francisco: Biblioteca Nacional Instituto Português do Oriente Ricci Institute for Chinese-Western Cultural History (University of San Francisco).
- Zamponi, Raoul. 2012. Per una nuova immagine del dizionario portoghese-cinese attribuito a Matteo Ricci e Michele Ruggieri. In Mignini, F. (ed.), *Humanitas. Attualità di Ricci: testi, fortuna, interpretazioni*, pp. 65-101. Quodlibet.
- Zhang, Xiping. 2013. Uma breve discussão sobre as contribuições de Michele Riggieri e Matteo Ricci para a terminologia chinesa moderna: um estudo de palavras estrangeiras na teologia e filosofia chinesas como foco (簡論羅明堅和利瑪竇對近代漢語術語的貢獻——以漢語神學與哲學外來詞研究為中心). *Guizhou Social Sciences*, (7), 121-130.
- Zhang, Xiping (2014). Um novo progresso do estudo de Michele Ruggieri sobre as folhas do Dicionário Português-Chinês (《葡華辭典》中的散頁文獻研究). In: Jingming, Yao & Hao Yufan (eds.) *Proceedings of a symposium about the Atlante of Michele Ruggieri*. Macau: Cultural Affairs Bureau.
- Zhang, Xiping. 2016. Um novo progresso do estudo de Michele Ruggieri sobre as folhas do Dicionário Português-Chinês (《葡華辭典》中的散頁文獻研究). *Journal of Beijing Administrative College*, (1), 116-128.
- Zhu, Chenglin & Gabriel Antunes de Araujo (2024). Questões de autoria no Dicionário Português-Chinês. Macao.